

ILUSTRAÇÃO



3.º ANO
NÚMERO 49

Lisboa 1 de Janeiro de 1928

PREÇO
4500

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

VERAMON



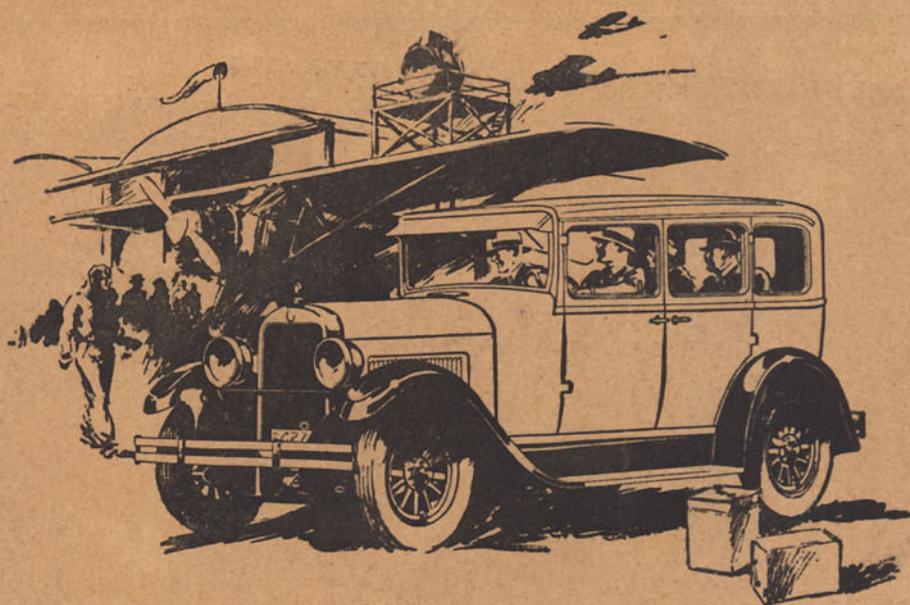
KIRCHBACH



**Se sofre de dôres
é porque o quer.**

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incômodos da menstruação. O Veramon não produz sôno, nem ataca o coração. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 compr. de 0,4 gr.

Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39



O NOVO MODELO DE "QUATRO" CILINDROS UM AUXILIAR PODEROSO

O novo QUATRO cilindros *DODGE BROTHERS*, não sacrifica a comodidade á belesa nem a economia ao surpreendente funcionamento.

Servindo como nenhum outro carro de quatro cilindros, trabalha, no entanto, com uma economia de 20% de gasolina sôbre qualquer outro modelo *DODGE BROTHERS*.

Com êste NOVO «QUATRO» cilindros, não há, já, necessidade de se gastar muito para se conseguir o máximo confôrto, uma aceleração rápida, fôrça e velocidade.

REPRESENTANTES:

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

LISBOA — PORTO — LOANDA

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

Diccionario
Prático
Illustrado

Diccionario Prático Illustrado



Tamanho real do volume

DICCCIONARIO ENCICLOPÉDICO LUSO-BRASILEIRO

publicado sob a direcção de JAIME DE SEGUIER
(Segunda edição revista)

LIVRARIA CHARDRON de Lelo & Irmão, Limitada — Editores

144 — Rua das Carmelitas — PORTO

DEPOSITÁRIOS EM LISBOA:

LIVRARIAS ALLAUD E BERTRAND — Rua Anchieta, 28

Língua portuguesa, Artes, Letras, Ciências, Sinónimos, Termos brasileiros, Locuções latinas e estrangeiras. Mais de vinte mil artigos de História, Biografia, Geografia, (particularmente de Portugal e Brasil). — Notícias bibliográficas relativas às obras capitais de todas as literaturas, especialmente da portuguesa e brasileira. — Mitologia, Monografias de obras de arte famosas. — 6.000 gravuras distribuídas no texto, 110 quadros enciclopédicos, 1.000 retratos de individualidades célebres, 90 mapas geográficos, 8 mapas a cores, etc. — Preço do volume encadernado, 40\$00. Pelo correio, registado, mais 4\$50.

Começai bem o ano adquirindo
o que haja de MELHOR

1928

SHELL

GAZOLINA — OLEOS
PETROLEO

*Durante o ano que acaba de findar foram praticadas com produtos SHELL
as seguintes façanhas, que ecoaram no mundo inteiro:*

1927

VÔO ATRAVEZ DO ATLÂNTICO — Major Sarmento de Beires.

VÔO A VOLTA DO ATLÂNTICO — Marquês de Pinedo.
(TERRA NOVA AO JAPÃO)

VÔO ATLÂNTICO — Aviadores Brock e Schlee.

RECORD EM LANCHAS A GAZOLINA — 53 milhas à hora.

O SERVIÇO AÉREO MAIS EXTENSO — Da Holanda às Indias Holandesas, 17200 milhas.

RECORD EM MOTOCICLETAS — 121 milhas à hora.

RECORD EM AUTOMÓVEL — 1497 milhas em 24 horas — Em automóvel «Vauxhall»,
ETC., ETC., ETC.

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.^O L.^{TD}

Deseja aos seus Ex.^{mos} Clientes um novo ano
cheio de prosperidades

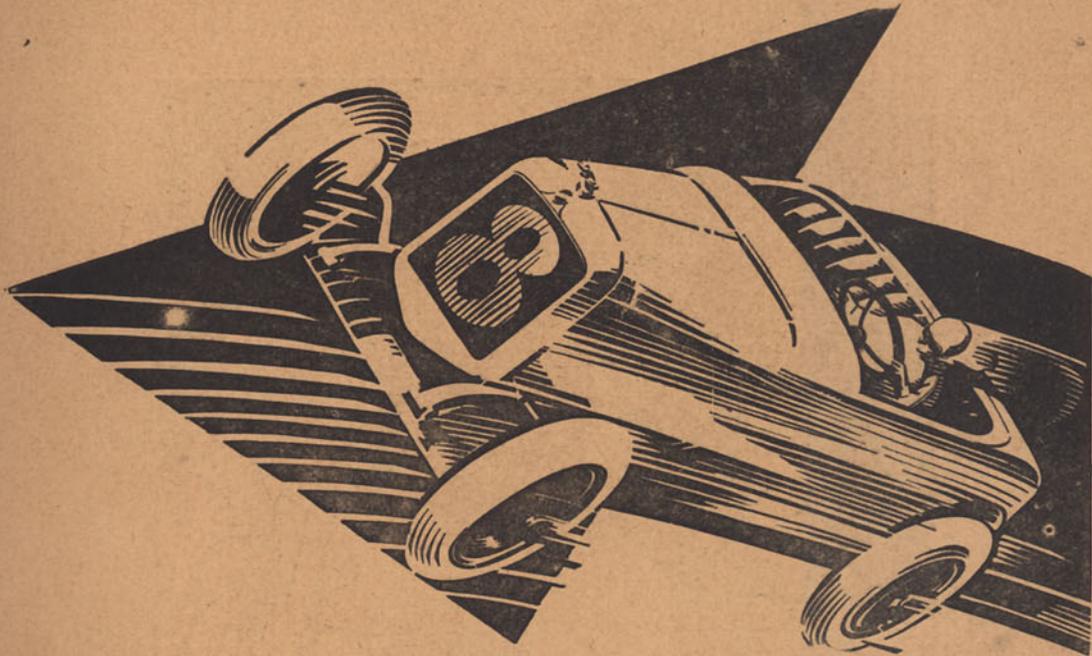
SHELL



BERTRAND IRMÃOS
L^{DA}

TEL. T.96

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA



40.000 kilometros em 23.000 minutos.

O Studebaker acaba de bater a maior serie de records, até hoje estabelecida por uma marca de automovel !
 Um Studebaker Sport Roadster, rigorosamente de serie, percorreu 40000 kilometros em menos de 23000 minutos consecutivos ! Média : 105 Km. 083 á hora.
 Um Studebaker Sedan, igualmente de serie, percorreu a mesma distancia em menos de 25000 minutos. Média : 99 Km. 725 á hora.
 Estas provas fóram realizadas em "Atlantic City" (Estados Unidos), de 18 d'Outubro a 4 de Novembro, sob o controle da "American Automobile Association", e constituem o mais notavel record mundial de velocidade e resistencia.

Os outros records estabelecidos pelo Studebaker desde 1 de Setembro de 1927, são os seguintes :

- 2 de Setembro : Record transcontinental New York-São Francisco, 5312 Km. em 77 horas e 40 minutos. O record anterior foi batido em 2 horas e 15 minutos.
- 5 de Setembro : Corrida de 120 Km. 675, de Atlantic City, para carros de serie. O 1º. e 2º. premios fóram ganhos por 2 carros Studebaker Sport Roadsters. Médias respectivas : 138 Km. 293 - e 138 Km. 089, á hora.
- 5 de Setembro : Corrida na montanha de Pike's Peak, 4700 metros d'altitude galgados por um Studebaker Sport Roadster em 22 minuto e 47 segundos. Novo record por carros desta categoria.
- 20 de Setembro : Charlotte N.C. (Estados Unidos). Corrida de 120 Km. 275, por carros de serie. 3 Studebaker Sport Roadster obtiveram as 1º., 2º. e 3º. classificações. Média do primeiro : 142 Km. 493 á hora.
- 6-7 d'Outubro : 2 Studebaker Sport Roadsters estabelecem 6 novos records para carros de serie munidos com todos os accessorios. Records de 5 milhas, 10 milhas, 50 milhas, 1000 milhas, 12 e 24 horas. Um Studebaker fez as 1000 milhas, a uma méd. de 121 Km. 262 á hora, o outro a 116 Km. 071. No fim das 24 horas, a media do primeiro Studebaker era de 121 Km. 677, a do outro, 116 Km. 548.
- 10-11 d'Outubro : 2 Studebaker "Director", de serie, estabelecem novos records para carros da sua categoria, numa prova de 24 horas. Num percurso de 1000 milhas, a media dum "Director" Sedan foi de 98 Km. 937; a dum "Director" Coupé, de 98 Km. 310. Durante as 24 horas, a média do Sedan foi de 99 Km. 420; a do Coupé, de 99 Km. 323.
- 13 d'Outubro : Novo record para carros de serie, estabelecido por um Studebaker num percurso de 500 milhas, a uma velocidade média de 127 Km. 555.
- 31 d'Outubro : Record extraordinario, estabelecido por um Studebaker "Erskine Six", de 87 Km. 047 á hora, durante 24 horas. Um outro "Erskine Six" correndo ao mesmo tempo, fez, durante 24 horas, uma média de 85 Km. 599.

Com estas 16 victorias em 60 dias, o Studebaker é presentemente o detentor de todos os records officaes de velocidade e resistencia, em carros de serie, seja qual fór a força ou o custo : records estabelecidos sob o controle da "American Automobile Association".
 Testemunho unico, na Historia do Automovel, do valor dos carros Studebaker.

Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital

Unicos representantes para Portugal :
 C. SANTOS, LDA.
 LISBOA : Rua do Crucifixo 55 a 59.
 PORTO : Praça da Liberdade.
 Edificio da Nacional.

STUDEBAKER



S E 124



-Está lá?-- É da Livraria Aillaud
& Bertrand?-- Aqui fala S. Pedro!
Desejo que me enviem com urgencia o

MAGAZINE

BERTRAND

o unico que tem entrada no Ceu!



S. A. P.

Serviços Aéreos Portuguezes, Ltd.

AVENIDA DA LIBERDADE, 3

Serviço aéreo entre LISBOA-MADRID
com aviões JUNKER'S completamente metálicos

Para Madrid: { 3.^a feira }
 { 4.^a feira } 10,30 horas
 { Sábado }

Avião: 4 horas

Combóio: 17 horas

Para informações dirigir-se a todas as agencias de vapores e de turismo bem como à sede da Companhia

DIAS, COSTA & COSTA

CASA BANCARIA

Estabelecida em 1874

76, 78, 80, 1.º, Rua Garrett

LISBOA

Telefones: C. 380, C. 2525, C. 2319

End. teleg.: «PUSHING»

P B X

CONTAS CORRENTES,
DEPÓSITOS À ORDEM E A PRAZO
CHEQUES, TÍTULOS
CAMBIAIS, COUPONS, DESCONTOS
CARTAS DE CRÉDITO

SECÇÃO DE SEGUROS
SECÇÃO MARITIMA
SECÇÃO DE TRANSITO
E DE MERCADORIAS

Usamos todos os principais códigos telegráficos

UM FAMOSO ASTROLOGO FAZ UMA OFERTA NOTAVEL

Dir-lh'a-ha

GRATUITAMENTE



O seu futuro será feliz, afortunado? terá exito no casamento, em seus negocios, ambições, desejos? quaes são os seus amigos e os seus inimigos? e muitos outros dados importantes que sómente a Astrologia póde revelar.

NASCEU SOBRE A INFLUENCIA DE PROPICIA ESTRELA?

Ramah, o celebre Orientalista e Astrologo cujos estudos astrologicos e conselhos tem suscitado milhares de cartas de agradecimento do mundo inteiro, dará GRATUITAMENTE, a quem lh'a mandar pedir, com a indicação do nome, do endereço e a data exacta do nascimento, por meio do seu methodo incomparavel, uma analyse astrologica da sua vida e do seu futuro, a qual, junta aos seus conselhos Pessoaes, encerra dados susceptiveis não só de que os achemos extraordinarios, como de nos deixar maravilhados. Os seus Conselhos Pessoaes tem o poder de mudar favoravelmente o transcurso de toda a sua vida. Escreva imediatamente e sem demora, para seu proprio interesse, a RAMAH, folio 5. PL.

44, Rue de Lisbonne, PARIS

Com \$50 de sellos de correio do seu paiz para cobrir as despesas do correio, remessa, etc.

Franquia para França : 1\$60

Franquia do Brazil para França : 400 Réis

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Serviço combinado com a Empresa Auto-Viação, Limitada
com sede em Pombal

AVISO AO PUBLICO

(23.º Aditamento ao Aviso ao Público A. n.º 102)

Camionagem entre a estação de Pombal e as vilas de Figueiró dos Vinhos e Castanheira de Pera, passando por Lapa, Ancião, Pontão, Aldeia Ana da Viz e com ligação para Pedrógão

No dia 1 de Janeiro próximo futuro entra em vigor a tarifa de camionagem para o transporte de passageiros, bagagens e volumes pequenos até 10 quilogramas, a que se refere a tarifa especial n.º 8 de g. v. desta Companhia, entre a estação de Pombal e as povoações indicadas.

Para este efeito são criados, nas referidas vilas de Figueiró dos Vinhos e Castanheira de Pera, postos de despacho, denominados Figueiró dos Vinhos-Central e Castanheira de Pera-Central, onde será feita a venda de bilhetes e a expedição e recepção de bagagens e de pequenos volumes até 10 quilogramas, nas condições mencionadas.

Para mais esclarecimentos, podem os interessados consultar a tarifa e obtê-la por compra nas estações desta Companhia.

Lisboa, 21 de Dezembro de 1927.

O Director Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita.*

ALEXANDRE HERCULANO

Acaba de aparecer a

27.ª edição de

EURICO O PRESBYTERO

COM DOIS APENDICES

Edição das

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

LEILÃO

Em 9 de Janeiro p.º f.º e dias seguintes, às 11 horas, na estação desta Companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Público A n.º 134 de 25 de Julho p.º p.º, do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 9.º da Tarifa de Despesas Accessórias, proceder-se-há venda em hasta pública de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisa-se, portanto, os respectivos consignatários, de que poderão ainda retirá-los, pagando o seu débito à Companhia, pelo que terão de dirigir-se à Repartição de Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias úteis até 7 do mesmo mês, das 10 às 17 horas.

O leilão realiza-se no Armazem situado no fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da Calçada de Santa Apolónia, defronte do gradeamento.

Lisboa, 22 de Dezembro de 1927.

O Director Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita.*



Um presente útil

O presente recebido com mais entusiasmo e sempre
aquêlo que além de sêr útil tem tambem oportunidade.
Seria portanto impossivel arranjar durante esta quadra
do ano um presente mais util e mais oportuno do que
um Calorifero da Vacuum que leva a uma casa a
temperatura da primavera



caloriferos da VACUUM

A venda na
Vacuum Oil Company

Rocio, 67 Telef. 3075 e nas suas Agencias

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»

R. d'Alegria, 30--Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25--Lisboa

DIRECTOR:

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR-TÉCNICO:

JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 3.º -- N.º 49

1 DE JANEIRO DE 1928



Esta página é do nosso orgulho. *Ilustração*, *Magazine Bertrand* e *Voga* apresentaram números de Natal verdadeiramente sensacionais que foram recebidos com carinho e entusiasmo. Lloyd George, o grande estadista inglês foi um dos admiradores do nosso esforço. Assim o declarou no Tejo, aos jornalistas. A nossa página representa o chefe do partido liberal inglês a ver a *Ilustração*, em grupo com os jornalistas, e em roda as figuras que mais contribuíram para o sucesso das nossas publicações: Srs. João da Cunha de Eça e Júlio da Fonseca, sócios-gerentes de Aillaud Limitada, grandes amigos e grandes chefes; João de Sousa Fonseca, director geral das publicações; Francisco Amaro, o nosso grande chefe gráfico; D. Estela Nobre, directora da *Voga*; Dr. Aivarro Mala, brilhante chefe de redacção e o pintor-decorador Roberto Nobre, colaborador artístico dos números especiais. — (Fotos Mário Novais)

"REVEILLON" HUMILDE



Anda o frio em sarabanda infernal pelas portadas, nesta noite gelada de fim do ano. Por toda a banda, sob o céu negrusco e hostil que extravasa sobre a terra as torrentes coléricas do seu granizo, vão correndo, tranzidas, apressadas, as gentes a quem espera um lar aconchegado, uma ceia lauta, quentinha, o tradicional peru velho corado, uma pingolêta reconfortante ou as filhizes crestadas, esturricadinhas a preceito, em azeite novo. Por toda a banda, nas casas ricas ou nas humildes, obscuramente, subconscientemente se fazem votos calados, esperançosos, dum ano novo que farte a fome, que encha a arca, que melhore a vida.

De esperanças se vive, diz o vulgo, e é bem certo. E quantas esperanças destas, rilhadas em Ano Novo com a aza do frangão de recheio, veem a esfumar-se, enganosas, sem piedade!... Mas deixá-lo; delas se vivem até à hora fatal do desengano. Ao menos na noite do fim do ano, gosou-se um pouco da ilusão e muito do calorinho aconchegado, acariciador, da gente empilhada ao redor da mesa posta, em torno à malga campesina ou à terrina flamante da canja descorada de perua cidadina. Por toda a banda, dentro de cada casa, uma felicidade, efêmera talvez, mas consoladora, nesta noite fria, enregelada, em que a ventania mete medo, tão rija conduz a sua sarabanda infernal pelas ruas alagadas, sob a pressão colérica do céu negrusco em fúria.

E então que penso enternecidamente nos humildes, nesses pequeninos e amorosos e ingénios seres, rapazitos da gandaia, rapariguêlhas desgrenhadas de pátios e ruas sujas, ardinhas, moirinhos de trabalho de sol

a sol. São eles os pequenos e humildes mártires destas noites de «reveillon» alegre, cercados na sua miséria pela alegria dos outros que não pode deles ser. São eles que, enovelados em vãos de escadas ricas, ouvem as risadas dos que gosam a vida, dos que cantam, riem e bebem enquanto o granizo mal lhes piparota nas canelas nuas, enregeladas, dentro de calças esfriampadas e cheias duma lama escarvinha! Pobres passaritos pululantes da rua, sem ceia nem beira, tão simples e tão resignados! Quando os automóveis, alta madrugada, levam para o conchêgo de sedas os que dançaram e riram uma noite inteira, o ruído bruto dos motores abafa escarvinhamente, antipáticamente, a vozita débil daquela gaiatinha esquelética que grita aos últimos noctívagos um pregão cansado de cautelas sem sorte ou jornais sem data, na ânsia de liquidar a sua triste mercadoria ganhando o seu pobre descanso no desconforto arrepiante dum vão de escada ou recanto de pátio escuro e imundo. Já lá dormem em monte dois ou três gavroches, companheiros leais e lutadores heroicos também, gosando, enovelados, mirrados dentro dos



andrajos a ilusória felicidade dos sonhos. E sonham... sonham... que sei eu?!... Sonham talvez, os pobrinhos, os humílimos ardinhas e as pequenitas cauteleiras que Deus, o bom Senhor que a mãe morta lhes disse ser o Ente de Infinita Misericórdia, os viu, com seus doces olhos claros como a luz e descen



por eles, a cobri-los com o seu manto confortador, afugentando-lhes o frio e a alcateia terrível do granizo e da fome e dando-lhe, na sua incomensurável bondade, a faculdade de realizar os seus mais belos sonhos; ter uma taboleta para as cautelas e um boné de astrakan e um beijo, um beijo só de carinho, à noite, ao deitar, ou seja numa cama ou à beira dum passeio de lagedo!

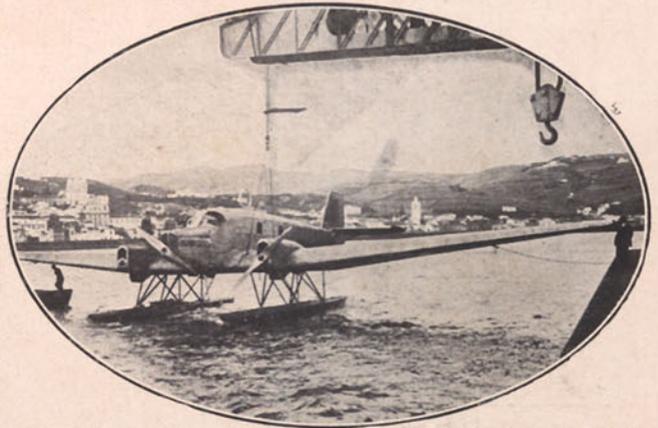
Pobres e humildes seres tão sofredores e tão bons! Pequenas das cautelas, «ó graxas» e «ardinas» lépidos desta grande maritornes folgazã que é a cidade ventrada em noite de festa! Poucos se lembram do angustioso «reveillon» da vossa humilde humildade, aninhados como os veem, tão pequeninos, nos recantos dos portais.

(Desenhos de Stuart)

(Palavras de João de Sousa Fonseca)

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

ACTUALIDADES GRÁFICAS



Depois da desistência da travessia do Atlântico pelo «Junkers D 12300». Na Horta: Manuel Câmara, jornalista, Madame Lill Dilleuz a toronvosa actriz austriaca, Dr. Bruno Carreiro, director do «Correio dos Açores» e Fritz Loose, o piloto aviador do «Junkers».

EM CIMA, na oval: O «Junkers D 12300» amarrado no porto da Horta (Fayal).



À direita. Grupo dos antigos alunos da Escola Académica do Curso Commercial, turma A, tirada por ocasião do almoço de confraternização realizado no dia 11 de Dezembro último.

A excursão de portugueses da América do Norte que veio passar as festas de Natal e Ano Novo no torrão pátrio. O desembarque no novo cais acostado do Porto de Lisboa.

À direita, na oval: A partida para o Brasil do ilustre escritor Carlos Malheiro Dias. O eminente romancista, glória das letras portuguesas, despedindo-se do dr. Júlio Danias, ilustre presidente da Academia das Ciências de Lisboa (Secção de Letras).

EM BAIXO: A réclia dos Estudantes de Medicina efectuada no Teatro de S. Carlos. Grupo dos intérpretes da engraçadíssima revista «Injecções Intravenenosas», que subiu à scena com êxito luvulgar.

(Cliches Mário Novais)



O PORTO DIA A DIA



Por ocasião da fundação da Casa dos Jornalistas. O sr. consul do Brazil, Adhemar de Melo, falando com o incansável jornalista Loureiro Dias.

(Foto Alvaro Martins)



Grupo dos ilustres facultativos portuenses que prestam serviços no Posto de Serviços Urgentes de Assistência Domiciliária, da iniciativa do Corpo de Salvação Pública do Porto.

(Foto Alvaro Martins)



Grupo de jornalistas e pessoas representativas da colónia brasileira no Palácio de Cristal, após o almoço oferecido pela referida colónia à imprensa portuense, vindo-se entre outras figuras de destaque o Sr. Consul do Brazil (+)

(Foto Alvaro Martins)

No medalhão: Sessão solene para a entrega aos representantes da Imprensa diária e ao presidente da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, dos diplomas de sócios de Mérito do Orfeon do Porto. Presidiu o representante do Sr. Governador civil

(Foto Alvaro Martins)

Na Faculdade de Letras. Festa de recepção aos novos alunos, revestida de grande cordialidade. Grupo de professores e alunos. Ao centro o director Dr. Damilho Peres (+)

(Foto Alvaro Martins)



PORTUGAL E O CHILI



SEGUNDO notícias em nosso poder, foi motivo de sincero júbilo para os portugueses residentes no Chili a nomeação do dr. Amadeu Ferreira de Almeida para ministro plenipotenciário de Portugal, pois deu motivo a diversos festejos, aproveitando a comemoração do 5 de Outubro último naquele país amigo.

O nosso inteligente e culto representante, em poucos meses, no desempenho da sua missão, tem desenvolvido uma actividade digna de caloroso louvor, afectuosamente secundado pelos compatriotas que ali mourejam, conquistando a consideração e a simpatia da sociedade e povo chilenos e promovendo um intenso movimento de curiosidade sobre a nossa vida social e intelectual, em conferências, jornais, revistas, etc.

Os grandes rotativos chilenos que recebemos daquela data, trazem páginas inteiras dedicadas a Portugal, com

EM CIMA, à esquerda: O ministro de Portugal, Dr. Ferreira de Almeida, por ocasião da entrega de credenciais ao

Presidente do Chili coronel Ibañez estando presente o ministro dos Estrangeiros sr. Rios Galardo.

À direita: Um grupo da colónia portuguesa em Santiago do Chile onde se veem o consul, vice-consul e o sr. Artur Vieira.

NO MEMORIAL:

O sr. Dr. Ferreira de Almeida, Ministro de Portugal no Chili

excertos dos nossos mais distintos poetas e escritores, ilustrações e artigos originaes em que as nossas glórias são exaltadas nos termos mais generosos do rico vocabulário espanhol, demonstrando o muito que valem e de que são capazes, um país longínquo, um diplomata conscio dos seus deveres e uma colonia disciplinada e patriótica.

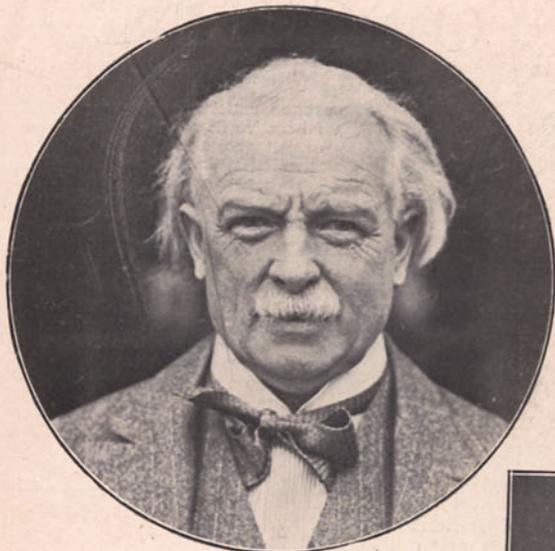
O nosso illustre ministro, em contacto permanente com o grande mundo politico e social e com as mais altas camadas intellectuais do grande país sul-americano, dignifica Portugal.

NO OVAL: Na legação portuguesa: o sr. ministro tendo à direita o Ministro dos Estrangeiros, o embaixador da Argentina e ministro de França e à esquerda embaixadores dos Estados Unidos e do Brasil e presidente do Senado. Em pé vários parlamentares.

EM BAIXO: O ministro de Portugal com jornalistas e intellectuais amigos do nosso país



FIGURAS DO MOMENTO



SIR LLOYD GEORGE



CARLOS MALHEIRO DIAS

O eminente político inglês, chefe do Partido Liberal, discutidíssimo neste momento pelas suas atitudes e pela sua influência na política interna e externa do Reino Unido, passou o Natal em Lisboa, a bordo do «Avelona». O grande homem de governo elogiou simpaticamente a nossa revista, como consta da reportagem que inserimos na nossa 1.ª página.



LOUIS MADELIN

ESTE notável escritor patricio, autor de uma série magnifica de romances e novelas dos mais belos da nossa moderna literatura, vive há anos no Brasil, onde o seu talento esplende como em Portugal. Veiu há pouco do seu voluntario exilio, passar, mais uma vez, curtas semanas entre nós. Ao Brasil regressou há dias. Lamentamos a emigração de tão brilhante homem de letras, se bem que nesse grande país irmão e amigo preste admiraveis serviços à nossa querida Pátria.

O fecundo e admirado autor de «Os Telles d'Albergaria» e «Paixão de Maria do Céu», para não citar tantas e tantas obras de formidavel valôr, continua, em terras brasileiras, a consagrar ao seu amado país o mesmo fervoroso amor de sempre.

BRILHANTE escritor que sucedeu a Robert de Flers na Academia Francesa, recebendo assim alta consagração do seu talento.

(Foto H. Manuel).



D. ENRIQUE NIETO DE MOLINA

MOÇO e primoroso dramaturgo espanhol que esteve em Lisboa dirigindo os ensaios duma sua obra «Els o no es?», e dirigiu à nossa revista palavras gentilíssimas de apreço.



MONSENIOR MAZELLA

O novo Nuncio Apostólico no Brasil, com o sr. dr. Octavio Mangabeira, ministro das Relações exteriores.

(Cliché «O Malho»).



SOCIEDADE ELEGANTE



EDUARDO MALTA

RETRATO DA EX.^{ma} SR.^a D. ALICE FER-
NANDES, ELEGANTE SENHORA
DE NACIONALIDADE AMERI-
CANA MAS DE ORIGEM
PORTUGUESA, ACTUAL-
MENTE EM PORTU-
GAL

Eduardo Malta
VII - XII - MCMXXVII
L I S B O A

POR CÁ E LÁ POR FÓRA

A *Ilustração*, apresentando hoje aos seus leitores e assinantes os tradicionais votos de um ano novo feliz e próspero, não cumpre apenas uma praxe mais ou menos discutível, mas sim um indeclinável dever. E cumpre esse dever com sinceridade, com profundo reconhecimento, bem justificado. A nossa revista, como todas as publicações desta casa, vivem de si próprias, do seu



Na comemoração de 1.º de Dezembro em Lisboa. O Sr. Presidente da República e Governo fazendo a continência à bandeira.



Em Cabo Verde.— Um chá oferecido pelo Sr. Governador, Coronel Guedes Vaz no palácio do Governo em S. Vicente e ao qual assistiram as pessoas mais gradas daquela nossa florescente colónia africana.

A direita:— Um aspecto do banquete de 150 talheres recentemente oferecido pela Camara Municipal de Anadia aos srs. Dr. Armando Cancele de Abreu e tenente coronel Schiappa d' Azevedo que se veem no primeiro plano aos lados do presidente da Camara.

Em baixo: Afim de solenizar o dia 1.º de Dezembro, data da Restauração de Portugal, realizou-se no vasto salão de dança d' Hotel Claridge, de New York, uma grande sessão comemorativa promovida pelo patriótico Club Vasco da Gama, daquela cidade.



esforço honesto e independente e logicamente do favor que o público lhe dispensa talvez por estas mesmas razões. A todos os nossos leitores e assinantes, portanto, muito obrigado. E seja-nos perdoado também o incluir aqui, em letra de forma, em público e razo como merecem, os nossos públicos elogios aos artistas gráficos que compõem o quadro tipográfico da *Ilustração* que, sob a chefia inteligente de Francisco Amaro e com o primoroso tra-

balho de gravuras dos Irmãos Bertram, têm levado as nossas revistas à perfeição técnica que alcançaram, numa obra de carinho e competência que foi dignamente coroada pelos números de Natal, que constituiram verdadeiros sucessos de venda e apreço.

A todos, pois, as nossas saudações e sinceramente o ritual como novo muito felizes. A Direcção.

NOTA—Nalguns números da nossa tiragem de Natal (que não aumentou de preço a pesar de ser um número excepcional) apareceu lamentavelmente truncado, por troca de grânéis, o lindo conto *Ronda dos Cegos*, de Jaime de Balsemão. As nossas desculpas.

TOUREIROS DE INVERNO



Saíram de «Casa de La Concha» chupando os cigarros, na ilusão de assim defenderem os pulmões do perigoso ar do Gnadarrama.

«El Péque» levantou a gola da peliça que fôra seu orgulho, e «El Marino», menos afortunado, deu duas voltas à tira de manta que lhe protegia o pescoço.

Pela «Calle Sevilla» desfilyavam apressados os espectadores do «Reina Victoria», em busca de «taxi» ou de café onde prolongar a noite. Bem abafados, satisfeitos do espectáculo e pensando no chocolate que os aguardava, mal olhavam para os dois «malétas», fazendo alto entre os antigos «Inglez» e «Cruz del Campo».

Com uma francesa loura passou «Valencita», o toureiro de moda, um para quem a sorte não fôra madrasta. E, à chapelada dos dois correspondem com um ligeiro movimento de sobrancelhas. Detrás do «matador» iam o seu pião de confiança e um aficionado que se propunha apoderá-lo. Mais comunicativos lançaram um «adiós» de piedosa simpatia.

Agora era a Rúano, uma actriz que fôra de titulares e toureiros e exhibia belas capas de peles e ricas jóias.

Tanta gente feliz, com casa e horas de comer, sem a constante dúvida da próxima refeição, seguros da cama fôra e quente, e eles vendo-os passar sem a coragem duma súplica nem a audácia dum protesto.

Nas tabernas, onde em melhores dias gastavam dinheiro, já lhes não fiavam. Os aficionados, um dia admiradores incondicionais, voltavam as costas, receando alguma

tentativa de empréstimo. Restavam os companheiros bondosos e mais afortunados, e estes mesmos cansados de incessantes pedidos. E a temporada só começava lá para Março, distante esperança de alguma novilhada problemática.

Terminára a bicha de espectadores e apenas passavam algumas artistas, acompanhadas de homens ou em alegres grupos, escoltadas pelas «madres».

A porta do Club dos Aviadores estava uma velha vendendo fósforos e tabaco aos retardatários, já sem estanco onde o comprar. E, quasi à esquinha de Alcalá, tocava um cego em espera da esmola que não vinha.

Olharam-se, buscando mutuamente a idea salvadora, uma solução para o problema daquela noite, que era o problema de todas as noites. «Don Alejandro», por quem tinham ido a «Casa de la Concha» não apparecera até à hora do costume, e a fome fazia-lhe cêcegas nas barrigas vazias.

Da «Carréra», surgiu uma figura toureira, andando ligeiro e batendo os tacões altos, fôro justo e boina ladeada. Reconheceram-no ambos, alegremente:

— «Pintorcito»!

Era um antigo companheiro de corridas que fôro bandarilheiro de «Paco Madrid» e se resignára a ser «mozo de estoques» para tranquilizar o médio e satisfazer a fome. Servia agora um «rejonador» famoso e vinha do «Palace», onde lhe deixára dobrada a roupa que vestiria no dia seguinte.

Bondoso e compassivo, aproximou-se con-

tente e, sem esperar que lhe dissessem o que êle advinhava, soltou uma frase que, aos dois esfomeados, rolou gulosamente do coração ao ventre:

— «Os convido a comer en los Gabrieles!»

«Los Gabrieles» era dos mais típicos estabelecimentos da «Calle Echegaray» e devia a sua celebridade aos reservados pitorescos onde a gente alegre se divertia pela noite fora. Não se recomendava pela economia, mas «Pintorcito» dispunha da simpatia de «Don Adrian», um patriótico sevillhano de bom gosto para o negócio e coração para os toureiros vindos a menos. Recebeu-os de bom grado e mandou que servissem com vista à algibeira do anfitrião.

Mandaram vir batatas viúvas, assim chamadas por chegarem à mesa abandonadas da carne com que viveram na panela e que ficava para quem a pagasse melhor.

«El Marino» e «El Péque», atacaram ansiosos, enquanto «Pintorcito», melhor alimentado, distribuia pelos copos o rôxo «Valdepeñas». Novamente encheram os dois pratos, acompanhados de grandes pedaços de pão e devorando as azeitonas gôrdas e as rodelas de chouriço, divididas por pratos pequenos.

E só depois do queijo «manchego» é que entraram de falar, saboreando os cigarros que o «Pintorcito» ofereceu.

Hão de vir melhores dias, «Pintorcito»! E então verás se sou ingrato. Ainda me hás de «servir», mas amigo e não criado, que é



como os «señoritos» agora tratam os «mozos». E «El Marino» continuará a ser o meu pião de confiança. Com vocês se terão que entender jornalistas e empresários!

—Se a empresa de Madrid te «pusesse» ao começar a temporada, comentou «El Marino» embalado pelo optimismo de «El Péque», e te «soltasse» uma ganadería fácil.

—Fácil ou difícil, na primeira tarde que voltar a «saír» em Madrid, ou me arrancam pela «porta grande» ou pela da enfermaria!

Era a frase de todos os fracassados: ou uma cornada ou a orelha do touro! A perspectiva duma tarde na primeira praça de Espanha é a única esperança de saírem do esquecimento. Com um êxito na cõrte e «boa imprensa», não faltavam contratos, nem amigos, nem mulheres, nem dinheiro!

De tudo tivera «El Péque» quando do seu debute madrilenho, após repetidos sucessos provincianos. Foi uma série de triunfos que lhe tornaram a vida bela e boa de viver. Estava forte, os touros não o assustavam e pela frente tinha um futuro risonho, muitas pesetas para ganhar e, um dia, quando se cansasse, compraria uma horta onde envelhecer tranqüilamente.

Mas um touro de Palha, gordo e difícil, deu com o plano em terra, colhendo-o gravemente e fazendo-o passar muitos meses na cama.

Quando reapareceu não era o mesmo. Medroso e cobarde, pareciam-lhe os touros «catedrais», e quando lhe investiam, para o «capote» ou para a «muleta», lembrava-se da colhida, supunha que vinham «por êle», e fugia, fugia escandalosamente.

Não faltaram amigos que lhe fizessem ver que ia para o «montão». «El Marino», outro medroso que fôra mau marinheiro e «pescava» com as bandarilhas, animava-o nos lances difíceis, a distância. Compreendia que tinham razão e queria reagir, toureando parado e tranqüilo. Mas as pernas negavam-se a obedecer-lhe, e fugia, fugia sempre.

Em Madrid foi-lhe um touro vivo ao curral e pelas províncias necessitou que os guardas lhe protegessem a saída da praça, após fracassos ruidosos.

Os contratos começaram falhando e acabaram por rarear. Pouco a pouco viu-se sem dinheiro e abandonado de todos.

Voltava à miséria dos primeiros tempos, de quando ainda ninguém o conhecia.

Fugira de casa sendo uma criança, e por isto e sua pequena estatura lhe chamaram «El Péque». Entrára de palmilhar as estra-

das, comendo as uvas dos caminhos e acediando as «capeas» com que topava nas aldeias em festa e, mais de uma vez, fôra derribado nas praças empedradas onde se lidavam touros de seis anos, enormes mas esfoimados e sem poder. E, pela noite, transportavam-no para lugar seguro onde se curar sem que a colhida transpirasse para fora da terra, não fôsem os jornais falar e vir de Madrid a proibiçãõ da «capea» seguinte: mas aqueles percances não tinham importância e, na ambição de «chegar», encontrava fôrças para seguir o calvário, que era o caminho da glória.

E foi aquele touro, vindo de Portugal para uma novilhada que o apoderado não devia

que não sabia montar nem picar. Por ser de avantajadas dimensões e ter cabeça dura para as quedas, entrára de «saír» com alguns novilheiros e, por pedidos de «El Marino», picára várias corridas com «El Péque».

—«Bebe una copa», ofereceu o «Pintorcito». E «Cataclismo», sem se fazer rogar, pôs a garrafa à bõca, esvaziando-a dum trago:

—«Que bárbaro», gritaram os três ao sentirem-se roubados.

—«Vem outra», propôs «Pintorcito», generoso.

—«Que não, que era tarde», concordaram os dois toureiros, e saíram para a rua.

Seguiram pela «Calle Mayor», atrás do picador como um autómatos.

Eram bem três tipos de toureiros de inverno, descontado o «Pintorcito», para quem a vida, em seu fracasso, corria melhor.

Foi o picador quem primeiro saíu de seu marasmo para se despedir. Dormia por esmola num posto da praça del Carmen, que abria de madrugada. Poucas horas lhe restavam para descansar. E lá foi, já dormindo em seu eterno sono. As pernas trôpegas, como se arrastasse as pesadas armaduras de ferro com que saía à praça; vergada sobre o corpo gigantesco a cabeça, grande e ôca, tão grande que mal lhe entrava o «castoreño», soando a ôco nas caídas brutais.

Dos que ficaram só o «Pintorcito» tinha casa, num pátio sombrio dos tristes bairros baixos que êle iluminava com a sua alegria de resignado e «cante» de andaluz nostálgico. Vivía com a mãe, uma velhota que o adorava, e por estar separado da bailarina que lhe dera uma filha, uma filhinha que era o seu encanto, ia-se entretendo a namorar as visinhas, a quem fazia versos, em sua mania de versejar.

Inconscientemente, como quem toma o único caminho que conduz ao descanso, e guiados pela estréla bondosa do «Pintorcito», voltaram para a Praça Mayor, descendo pela «Calle de Toledo».

Havia duas noites que «El Péque» e «El Marino» vagueavam ao frio, despedidos do quarto por não pagarem.

E lá foram parar ao pátio do «mozo de espadas», um bom moço, que entendia as espadas que trespassam os corações dos fracassados, com a mesma ternura e devoção com que olhava as que tinha cravadas, em seu divino sofrimento, a Virgem Dolorosa que lhe pendia da cabeceira.

ROGÉRIO PÉREZ.



ter «feito», que inutilizou tanto esforço e sacrificio, pondo-o às portas da morte e deixando-o incapaz para a vida que escolhera, medroso para uma profissão onde a valentia é a primeira qualidade, a indispensável.

Já um grande toureiro dissera que, para sê-lo, era preciso valentia, valentia e valentia. E embora outro acrescentasse que piores cornadas que as dos touros eram as da fome, «El Péque» sofria as da fome, sem coragem para as dos touros.

—«Güenas tardes, matador y la compañía», soltou um quarto personagem, sentando-se na mesa para que ninguém o convidára.

Era «Cataclismo», um picador muito bruto



Livros e Escritores

O ano que lá vai levado, antes de tomar o caminho do exílio perpétuo a que o tempo, descarável como Saturno, condena todos os seus filhos, tratou de se munir de uma boa ruma de livros, alguns dos quais fartamente seivosos de talento: à flor do seu bernal lobrigámos, por exemplo, um novo braçado de versos de Augusto Gil, o excelso cantor da *Alba-Plena*, uma novela, aqui e além refundida, de Norberto de Araújo, mais um romance de Manuel Ribeiro, este agora objectivando scenários dos pátrios lares, outro de Vitorino Nemésio, que constitui estreia no género, diversos tomos de crónicas e impressões de viagem, dois dos quais subscritos por nomes femininos, tal o da senhora D. Emília de Sousa Costa, uma reedição da prosa desenhada de Brito Camacho, e muitas coisas mais, a que, dentro do limitado recinto de que dispomos, vamos fazer referência e comentário.

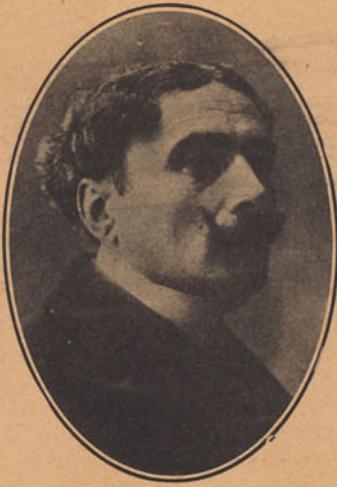
O como que fastio pela poesia de que se acusa o leitor de hoje, conjecturado de seu desapêgo perante os trezentos e sessenta e cinco livros de rimas dados à luz em cada roda de ano, enjas edições ficam intactas como parcelas que nenhum varão tocou,—esse fastio desaparece sempre que um poeta de alta espiritualidade publica obra inédita ou mesmo apenas em nova estampa. Veja-se Augusto Gil, que é caso típico. O seu *Luar de Janeiro* já vai nem sabemos em que milheiro e, tirante a *Sombra de Fumo* (a modos esquecida, porquê?), ainda nenhum dos seus irmãos se queudou na prole inicial. Daqui mais exacto dizer-se que se dá hoje tanto aprêço à poesia como se dava ontem, pois culpa de que tantos poetas, com excessiva confiança em si, vejam malogrado seu intento de alcançarem de pronto a glória, só eles próprios a tem, esquecidos ou ignorantes de que na estreita faixa de luz só raros cabem, para dentro dela viverem apenas uns instantes, visto tudo nos humanos ser breve e falaz. Aquela imagem da faixa de luz vem em *Le Bal des Atomes*, de Edmond Rostand:

*Ils y voudraient vite leur place,
Car bientôt ils seront défunts...
Mais la gloire, la gloire passe,
Et n'en dore que quelques-uns!*

Com Eugénio de Castro e António Corrêa de Oliveira, Augusto Gil é um dos nossos poetas contemporâneos mais largamente lidos. Tanto assim que, na mesma semana em que nos ofertava um livro novo, viu reimprimir-se pela quinta vez o seu volume *Versos*, que já leva uns bons trinta anos por cima. Que dizermos desses poematos, agora recordados com encanto? Isso mesmo: os trinta anos que passaram sobre eles nem lhes causaram uma ruga sequer. É que, em arte, só envelhece o que não é belo, e esses *Versos*, pela sua íntima chama de poesia, cante o poeta o tonare das tricanas e a graça comunicativa da paisagem coimbrã ou desfie mágicas na *Balada Ontonal*, possuem essa beleza perdurável, que em vão o tempo tentará apagar ou esmaecer. Rimadas de há trinta anos, nem tal parecem, tão viçosas estão.

Com *Avena Rústica*, a obra recente, da qual uma parte nos era desconhecida a outra colige poematos que ao autor competia salvar da torrente, nem sempre límpida, do periodismo, onde já os léramos, Augusto Gil dá companhia condigna no *Luar de Janeiro* e à *Sombra de Fumo*. O tecido é similar: o fio azulino da ternura vai-se cruzando, ponto a ponto, com o fio donrado da ironia. Ora o poeta moteja da «vil charrice engalanada» dos tempos hodiernos, logo lamenta o lôgro da paz, que nos mantem

tão ermos de alegria como dantes e nem de leve minorou a fome dos dias de guerra, ora ajoelha seu espirito em madrigais que desprendem o perfume das velhas cantigas de amor, logo, em chiste que não chega a ser sacrilego, invade o ceu, como em *La sonrisa de Dios*, para em seguida fazer o elogio das delicadíssimas



Augusto Gil

Cinturinhas de Murtosa e findar o livro com um sonetillo que vale por um lindo e desenvolvido poema.

Artista como os que melhor burilam o verso, poeta dos meios-tons, de cuja boca não sai um grito, de cujo coração não mana, mesmo ao reverberar os males do mundo, senão bondade,—Augusto Gil, por tudo isto e porque em seus carmes não se descobre sinal de artifício literário, tão simples e confidentiais são todos eles, não teve ainda alarme, nem o terá decerto nunca, dêsse fastio pela poesia que aos leitores actuais anda por aí atribuído. Mas não será, antes, o caso desculpa de maus pagadores, ou como o público volta as costas porque já descobriu que eles querem dizer amor mas não lhes chega a língua?...

Quando Vitorino Nemésio trouxe a lume o seu *Paço de Milhafre*, feixe de contos de sabor regionalista, que nos veio revelar um prosador de invulgares recursos,—a crítica, desta vez atenta à sua obrigação, não deixou de tanger sonoramente a sineta dos dias grandes, saudando-o. Nessas páginas já se descobria que o autor se convencerá de que escrever não é rebuscar e combinar, com mais ou menos habilidade, palavras extravagantes, e de que o que se torna indispensável, basilamente, é a idea, de quem a palavra é serva e não senhora. E tanto mais nos era grato verificar em Vitorino Nemésio essa sciência da perfeita escrita quanto era certo termo-lo visto em idos tempos, quando nos ensaios da sua pena em jornais e revistas, muito entretido em contorsões e malabarismos de frase, por vezes devéras irritantes. No *Paço de Milhafre* já o artista se dominara muito, purgando-se dêsse defeito e atirando às ortigas o excesso de indumentária verbal de que muitos lançam mão para dissimular a debilidade de pensamento dos seus escritos. Aí seu estilo, sem

nada perder das qualidades positivas, avigorara-se até, pois agora corria-lhe dentro a riqueza do assunto, que é sempre o sangue, o elemento vital da palavra escrita ou falada. Paisagens e séres, casos e coisas das terras insulares, onde o autor abriu os olhos à luz do sol, eram afêscritos e narrados com vigor e brilho.

Pois na *Varanda de Pilatos*, romance que elle agora nos enviou, essa tendência para o completo equilibrio da forma com a essência apparece ainda mais acentuada, tanto mesmo que, com justiça, já ninguém, à vista dêsse livro, pode negar ao autor a condição de autêntico homem de letras. Com propriedade êle emprega todos os termos, sem preterir por isso a graça e a ousadia das imagens. E a pintura dos mesmos scenários ilhéus sai-lhe com o devido colorido e é de admirável segurança no traço o desenho das figuras que colaboram na acção. Quem já tenha lido o livro observar-nos-há que esta não é muito imaginosa nem tampouco intensa. Concordamos. O autor diluiu-a muito na accumulção de pormenores. Romance de análise psicológica, vazado, para mais, nos moldes autobiográficos, é nessa minuciosa pesquisa íntima que reside todo o seu interesse. Há romances e romances, e o de peripécias fantasiadas e tôdas exteriores difere muito, na construção daquelle que se applica ao estudo da vida espiritual do ser humano. Aliás, o caso do herói do livro, à primeira vista particular, é, no fundo, de ordem universal: por crises similares à do ingénuo e curioso Venâncio Mendes passou já o eu de cada um de nós, ao transitar da infância para a adolescência. E então nossos sonhos e nossos actos, à mercê dos próprios instintos em germinação e das desencontradas influências do mundo envolvente, eram, na escolha do trilho por que tomavam, tão isentos de culpa como Pilatos na condenação de Jesus.

São as seguintes as obras até à data presente inscritas no

CONCURSO LITERÁRIO

aberto pela *Ilustração* entre os

ROMANCISTAS E NOVELISTAS PORTUGUESES:

Solteiros e Sem-Estado, ambas da autoria do sr. dr. Vaz Ferreira;

Andam Faunos pelos Bosques, do sr. Aquilino Ribeiro;

Dever Sagrado, do sr. João Amaral Júnior;

Santa Rosa do Ermo, do sr. M. Duarte Lopes;

Romance Branco, da Côr da Mocidade, da sr.ª D. Aurora Jardim Aranha;

Genle Devota, do sr. dr. Campos Monteiro;

Fonte de Juvenio, do sr. Cerqueira Magro;

Zambeizana, do sr. Emílio de San Bruno;

Mundo Novo, da sr.ª D. Ana de Castro Osório;

e
Varanda de Pilatos, do sr. Vitorino Nemésio.

Consoante as normas estabelecidas para êste certame, normas já várias vezes enunciadas pela nossa revista, o prazo de entrega dos trabalhos que se proponham disputar os nossos prémios, no valor de 10.000\$00, findará em 30 de Abril do próximo ano de 1928.

M Ú S I C A

FRANZ LISZT

O ÍDOLO E O PEREGRINO

—A quem abriga no peito a ânsia insofrida e febril da popularidade artística, quer como intérprete quer como criador, e amoroso, destino algum deve parecer tão invejável como o destino de Franz Liszt. Desde o precoce virtuosismo que logo desde a sua infância lhe grangeou a admiração, o carinho e a fanática dedicação de todos, até à velhice gloriosa em que o povo de Tivoli procurava beijar a orla da sua veste de abade, Liszt viveu um quási constante encadeamento de triunfos de toda a espécie; e a realza dita de «direito divino» empalidece de incolor ao pé da sua auréola verdadeiramente sobrenatural.

Contudo, além duma tristeza fundamental que transpirava por vezes e levava Liszt a escrever que se sentia «mortalmente triste e cansado», não deixou também de contar uma a uma, ao longo da comprida jornada que foi a sua vida, as pedras dum rosário de amarguras: a morte prematura de seu pai, a renúncia a Caroline de Saint-Cricq, — o seu puro e grande (porque insatisfeito, provavelmente) amor dos vinte anos, — as tormentas que precederam a separação com Marie d'Agoult, até um insucesso como pianista em Leipzig!... a luta directa contra mesquinhasias artísticas; mais tarde a nódoa duma ingratitude passageira de Wagner, a morte de seu filho Daniel, com vinte anos, outras tragédias de ordem íntima, e finalmente a morte de Ricardo Wagner.

Mas não lóssem as trevas da noite, não haveria auroras nem crepúsculos. E a vida de Franz Liszt não deixa de ser um panorama quási ininterrupto de vistas radiosas. Temperamento duma riqueza exuberante, não houve coisa humana que o saciasse definitivamente, exclusivamente; em 1835 principia a escrever, sob o impulso da sua paixão por Marie d'Agoult com quem vive na Suíça, as suas primeiras composições importantes, — o 1.º ano das «Années de Pèlerinage»; um pouco mais tarde, em 1838, enquanto prepara o 2.º ano das «Années», viajando pela Itália sempre com Marie d'Agoult, escreve: «Não peço nada mais, ó meu Deus! Deste-me tudo que se pode dar

nesta terra: tudo, tudo!» Os princípios de separação, porém, não estavam longe... Decorrem os anos, o cenário muda inteiramente: O virtuose aclamado em todas as côrtes da Europa, rico da riqueza quási inútil de corações que se oferecem sem ser apetecidos, tornado «mestre de capela» em Weimar, dedica à princesa Carolynna de Wittgenstein (com quem não casou por absoluta negação do papa em anular um outro casamento que a princesa contratara antes de conhecer Franz) os seus doze belos poemas sinfónicos, nos seguintes termos: «A quem é e ficará sendo a companheira da minha vida, o firmamento do meu pensamento, a prece viva e o Céu da minha alma — a Joana-Elisabet-Carolynna...» E alguns anos mais tarde, mas todavia muito tempo antes da sua morte, faz-se padre, (ingressando nas ordens menores, «para não estar sujeito a práticas demasiadamente ascéticas») — não por qualquer decepção amorosa mas sómente para cumprir com uma «vocação» que se lhe revelara na meninice ainda, e acabara por vencer.

Mas o espírito religioso de Liszt não é o espírito austero, com o medieval horror ao «Pecado» e a imagem sempre presente do «Inferno». Queria apenas Liszt aproximar-se tanto quanto possível do Deus Bom e Misericordioso, sem romper no entanto com o mundo terrestre, espelho de tanta Beleza e tanta Harmonia divinas a-dentro da humanidade. Ao fanatismo dum Pascal junta a suave urbanidade dum S. Francisco de Assis, a fé milagrosa do seu patrono S. Francisco de Paula, — mas sem renunciar ao mundo, que aliás nunca renunciaria a êle, tão magnificamente dotado para despertar êle mesmo fanatismo artístico e afectivo. Dêste modo, a vida «nova» do abade Liszt, em Roma, então, não difere essencialmente da sua vida anterior; continua vendo Carolynna de Wittgenstein, a correspondência com vários «entusiasmos» que formam um canteiro de flores, cada um com a sua cor e o seu perfume; prossegue a corrida do tempo e ergue-se mais uma paixão, a primeira verdadeira rival do império espiritual de Carolynna, a con-

dessa de Meyendorff, casada, igualmente... Entrecortam a vida estável as mesmas viagens triunfadoras de outrora, com ataques acerbos ao «compositor», por vezes, é verdade, mas os mesmos sucessos ao «virtuoso»... É mais um capítulo amoroso: quando Liszt foge de Roma a Tivoli, (Vila d'Este), para evitar as perseguições duma mulher decidida, Janina, esta persegue-o e consegue entrar na «Vila», disfarçada de rapaz. Os episódios acumulam-se uns sobre os outros, incontáveis...

É dêste último período da existência de Liszt que data a terceira das «Années de Pèlerinage», — «ano» que abrange na realidade desde 1869 até 1882. Com a audição integral das «Années» que acaba de dar o nosso grande pianista Viana da Mota, segue-se facilmente o fio de inspiração por assim dizer ininterrupto que fez galgar Liszt desde a sua mocidade, — 1835, — até à sua gloriosa velhices. «Pèlerinages», — sim; — peregrinações artísticas, afinal, reprodução musical de sentimentos mixtos, de exaltação metafísica e pompa visual.

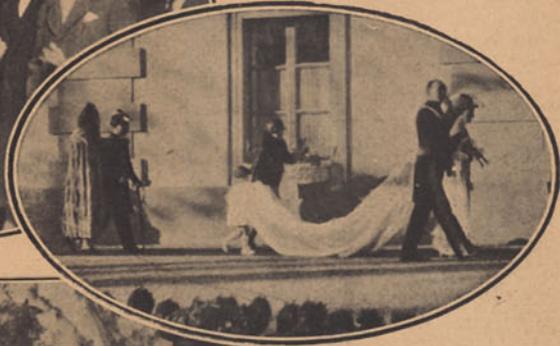
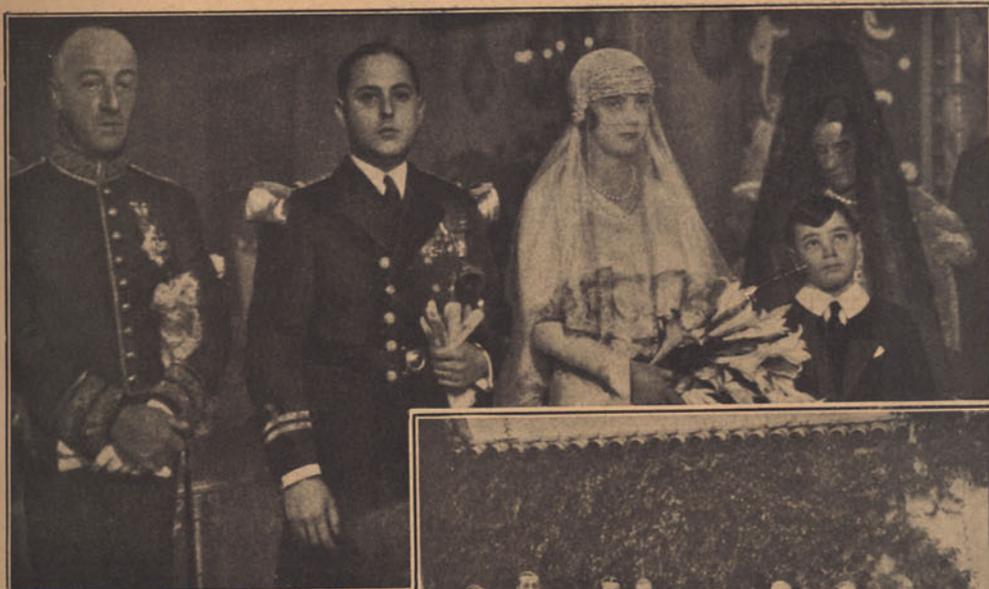
E foi, afinal, a arte, ao mesmo tempo humana e divina, a grande, a absoluta paixão de Franz Liszt. E como nessa mesma época abençoada se levantava o maior espírito musical desde Beethoven, o génio que devia revolucionar o teatro lírico e expressar na íntegra os mais profundos sentimentos, — Ricardo Wagner, — foi a êste que Liszt entregou toda a sua grande alma, — quem diz alma, diz coração, actividade, recursos de toda a ordem. Do que Liszt fez por Wagner, não há exemplo nem antes nem depois; e a sua última palavra, no leito de morte, foi «Tristão»... Mas mesmo aí, a vasta generosidade, cristã no raro sentido do termo, de Liszt, não foi exclusivista; êle sempre encorajou todos, sem excepção, e não deixava de querer compreender os alheios, mesmo quando os alheios manifestavam desentendimento da obra «Lisztiana»; foi na sua mocidade um admirador de Berlioz, (que não pretendeu amesquinhar nem quando Berlioz se tornara feroz detractor de Wagner!) na sua velhice, compreendeu logo o imenso alcance da música russa, no seu despontar, e teve palavras de ouro para Borodine...

Assim, Franz Liszt, que foi um ídolo, foi no entanto também um bem-aventurado, posto que não conheceu nem a inveja, nem a ruindade, nem o rancor. E, além dum criador que legou por sua conta própria obras musicais poderosas e decisivas para a evolução musical, foi o Magno Peregrino que atraiu e levou consigo as multidões até todas as regiões onde existem parcelas de luz eterna.

FRANCINE BENOIT.

VIDA ARISTOCRÁTICA

A esquerda. Os noivos ante o altar.—A direita: Grupo dos noivos com os convidados



artisticamente engalanada com riquíssimas tapeçarias, cortinas de damasco e grande profusão de flores e lumes, tendo uma orquestra executado à entrada do cortejo nupcial as Marchas Rial Española e do Profeta. Serviram de padrinhos por parte da noiva o senhor Dom Manuel de Bragança e sua augusta

CONSTITUE um grande acontecimento mundano a cerimônia, embora muito íntima, devido ao recente luto da família da noiva, do casamento da sr.^a D. Sofia Blech de Lancastre (Louzã), gentilíssima filha do sr. Conde da Louzã, com o brilhante primeiro tenente da armada espanhola, sr. Marquês de Coquilla e também Marquês de Viana, filho da sr.^a Marquesa de Viana, viúva do Marquês do mesmo título, camarista de Sua Magestade o Rei de Hespanha D. Alfonso XIII. O acto religioso efectuou-se na Igreja do Palácio de Muratalla, perto de Sevilha, que estava



NOVAS OVAIS, a esquerda: Os convidados que toram de Sevilha em combóio especial.—A direita: A caminho da capela do palácio.—EM BAIXO: Os noivos com os guardas das propriedades, ostentando estes os seus trajos típicos

ta esposa a senhora Dona Augusta Victoria, que devido ao recente falecimento de seu sogro e pai o Príncipe de Hohenloern, se fizeram representar pelo tio da noiva o ilustre clinico sr. dr. D. António de Lancastre e do noivo Suas Magestades os Reis de Espanha D. Alfonso XIII e Dona Vitória Eugénia, que se fizeram representar pelos seus primos e irmãos do noivo os srs. Duques de Peñaranda. A cerimônia foi celebrada pelo capello da Rial Igreja do Bom Sucesso, D. Dotico Somoza, que foi acolhiado do pároco de Hornachugos D. Lorenzo Pérez e pelo coadjutor de Posadas D. Leovigildo Avías. Com este casamento unem-se duas das mais distintas famílias da aristocracia espanhola e portuguesa. As nossas fotos, absolutamente inéditas, reproduzem cenas interessantíssimas do aristocrático consórcio.

A TERRA PORTUGUÊSA NOS SEUS ASPECTOS CULTURAIS

I — OS NOSSOS PARQUES — O PARQUE DA PENA



A Condessa d'Edla

Dentre os serviços que, em seu elevado culto pela natureza e pela arte, D. Fernando II prestou a este país, figura como um dos maiores a criação do Parque da Pena, hoje massa compacta de arvoredos multifôrme que do Castelo dos Mouros se estende até ainda além da Cruz Alta, e avança de encontro ao Castelo da Pena, com que a serra magnífica se corôa, a geito de querer envolvê-lo magestosamente em um manto de verdura de multiplas e requebradas prégas.

Nesta obra, a larga concepção do «Rei Artista» foi poderosamente estimulada e seguida com disvelo anos ainda após a sua morte, pela intervenção da sr.^a Condessa de Edla, a viuva de D. Fernando; intervenção que tem a assinalá-la grande sentimento estético e uma entusiástica admiração pela arvore, como elemento decorativo dos mais preciosos.

Dois nomes, pois, que a justiça manda associar na memória quando tratemos de render a devida homenagem a quem mais tenha contribuído, a títulos diversos, para o conjunto soberbo que hoje admiramos neste parque.

De uma fundação relativamente recente, pois que datam da segunda metade do século passado as principais plantações, contando de sessenta a oitenta anos escassos o arvoredos dominante, é, mais que no tempo, à acção excepcional do meio favorável, que deve o grandioso massiço da Pena as suas qualidades actuais.

No terreno fortemente dobrado, a que os



Uma vista inédita do Castelo da Pena

amontoados de rochedos graníticos emprestam singular pitoresco, são freqüentes os valeiros ferteis e abrigados que as mais diversas espécies aproveitam com vegetação exuberante. E, a par disto, um clima local francamente marítimo, que realiza para as mais variadas exigências um suave meio-térmo, explicativo, só por si, da possibilidade de viverem assim, em conjunto, plantas originais de regiões bem diferentes.

Com segura intuição previram os delimitadores do Parque tão excepcionais condições de aclimação no organizarem, embora com objectivo essencialmente ornamental, um todo arborizado que resultou, por fim, em uma das mais ricas colecções dendrológicas actualmente existentes no país e no estrangeiro.

Tôda a flora forestal da Europa, incluída a das grandes altitudes e a da zona septentrional, encontra ali representantes capazes: a da America do Norte, tão variada e por vezes tão bela, por igual está assinalada nos seus traços capitais; de lá vieram, por exemplo, algumas «Sequoias», árvores que são, na região originária, na costa do Pacifico, das maiores conhecidas. Do mesmo modo a America do Sul com algumas «Aracarias», a Austrália com «Eucaliptos» e «Acacias», e a zona tropical com palmeiras e fetos arborecentes (um dos maiores atractivos deste e outros parques de Sintra), todos os continentes e tôdas as latitudes enviaram àquêlê concerto de fôrmas e de tons, em cuja admiração a vista jámais se cança, como que a nota requintada do seu variado exotismo.

Mercê de tamanha complexidade, em face do âmbito relativamente acanhado d'êste trecho da serra, atingida a maioridade do massiço, é agora a acumulação, por vezes quasi oppressiva, que mais impressiona o visitante que penetre, de improviso, em pleno coração do Parque. E não é assim, de facto, que êle melhor pode ser visto, quasi direi «compreendidos». Dos pontos culminantes, que tantos são, e cada um com seu trecho do cenário empolgante, é que o conjunto se nos revela no emaranhado das fôrmas, nos cambiantes da cor, e daí, para olhos de entendidos, na distribuição, pujança e importancia relativa dos diversos elementos componentes. Isto esquecem no geral os visitantes do Parque e seus guias de occasião: que

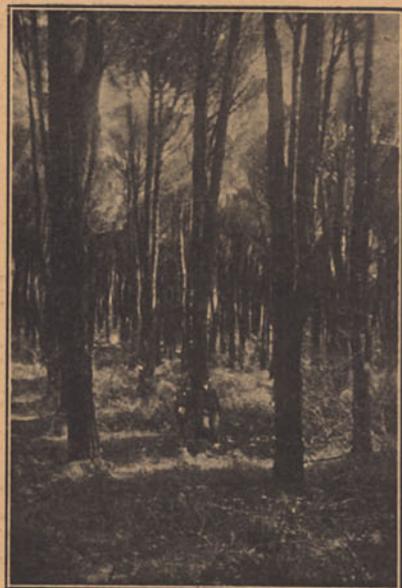


D. Fernando II

a sua mais bela característica, e o maior elogio dos que lhe dedicaram espirito criador, intelligência e sentimento, residem precisamente no acôrdo perfeito da vegetação implantada com o meio que reveste, anima e realça, depois que foram quebradas a nudez e a braveza primitivas, e que um tal acôrdo é forçoso abraçá-lo com largueza de horizontes, sem o que êle não logra, sequer ao menos, ser pressentido.

Na traça do Parque, presupondo um exame mais de detalhe, é possível encontrar duas variantes fundamentais: a da constituição de talhões em que a grande diversidade especifica é a regra, agrupando-se as espécies um pouco ao acaso e logo assumindo as arvores mais bem dotadas evidente supremacia; e a da organização de manchas homogeneas para determinadas fôrmas, resultando em povoamentos uniformes, alguns de singular beleza, não obstante a pequena extensão — neste número, por exemplo, o severo massiço de pinheiro manso da «Rigueira das Perdizes». Em trechos dispersos pode ainda acrescentar-se um terceiro aspecto, mixto de parque e jardim, em que a cultura de plantas arbustivas simplesmente de folhagem ornamental, como os fétos, ou de floração abundante e vistosa, cameleiras, rhododendrons, azaleas, ou suavisas ou alegres o ambiente, por vezes carregado, do massiço forestal.

É neste local privilegiado, entre os que mais o são nesta terra, e que muitos portugueses, e até dos mais viajados, só conhecem por alto ou «por ouvir dizer», que o Estado hoje detem, com a entrega da administração do Parque nos Serviços Florestais, uma das melhores jóias do nosso património. Todos os cuidados que o Parque tem merecido à administração lhe são inteiramente devidos; e o esforço de conservação dispendido, que cumpre referir, só merece



Pinhal manso da «Rigueira das Perdizes»



A base dum grande eucalipto na «Feira da Condessa»

aplausos, importando apenas que não se hesite no sacrificio de certos arvoredos comuns, como trechos de eucaliptal invasor, para beneficio de arvores finas, e que o aproveitamento sistemático desta colecção riquissima seja feito para o apuramento de dados dendrológicos, tão úteis num país como o nosso, que tem ainda diante de si uma larga obra forestal para realizar.

AZEVEDO GOMES.

AVE DO PARAÍSO

(EXCERPTO DUM ROMANCE A SAIR BREVEMENTE)

Nascido dum casal provinciano, numa vilória obscura da Beira, cedo começou, por fadole e por educação, a tomar a vida a sério, a considerá-la um compromisso e uma travessia difícil.

Seu pai era relojoeiro, um desses homens silenciosos, obstinados e sizudos que contam o tempo e a vida com a impossibilidade e a certeza dos minúsculos aparelhos que são as suas criaturas. Essas almas, com o tempo, acabam por se identificar à alma dos maquinismos em que trabalham — almas de aço, e de rubis, e de rodízios quasi imperceptíveis que giram uniformemente, incansavelmente, na mesma órbita, até se lhes arruinarem de todo os eixos, os dentes e as molas.

Sua mãe, devota e humilde, vivendo na adoração e na admiração pelo marido, era uma criatura de perseverança e de trabalho, que se acostumara a limitar os seus horizontes e a viver exclusivamente para os excessos da igreja, para os deveres da sua casa e para a criação dos seus filhos.

Exposta, começara a vida como pupila dum padre, numa freguesia rural. Af a conhecera o futuro marido. Casaram e tiveram três filhos — dois rapazes e uma pequena. O mais velho, porém, morreu novo, dum desastre na caça; a pequena, doente sempre e triste, fôra-se também à volta dos 14 anos dum ataque de bexigas. Ficára ele apenas, Teófilo da Conceição Berrêdo, quando frequentava já o Seminário, e ia no 2.º ano de preparatórios.

Unico sobrevivente daquela catástrofe, sobre elle choveram, se acumularam deentão as benções, os extremos e os cuidados paternos. Entretanto, no Seminário, começava a sentir os primeiros rebates de consciência. Não tinha vocação nem para o celibato nem para a vida eclesiastica; e por demais a fé começava a minguar.

A sua crença primitiva e cândida de criança evaporava-se, pouco a pouco, na atmosfera materialista, praxista e estreita da Casa de Deus. Com melancolia indizível, uma noite, meditando sobre os Dogmas e sobre a Apologética sentiu uma violenta revolta de todo o seu ser, perante o acto de cobardia e de hipocrisia que estava praticando.

A sua razão, esclarecida por outras leituras, aquilo parecia-lhe uma farça ignobil. Não podia já dizer evidentemente «*Crêdo quia est absurdum*» como o Doutor da Igreja... Outras razões, outros fundamentos tinha elle já para não crer o absurdo.

Desde êsse dia decidiu-se. Faria ainda nessa época os seus exames com distincção, para provar aos pais que não era por horror ao estudo. Mas depois, nas férias, confiaria ao pai as suas razões; e no inverno seguinte não voltaria mais para o Seminário.

De facto passou os exames, com distincção. Ficára classificado o primeiro do seu curso e era olhado já pelo bispo, com olho benévolo, como uma futura capacidade. Iria

para Roma fazer o seu Direito Canónico. — Chegará ainda a Bispo, quem sabe?! Um lindo futuro! Um lindo futuro!

Mas nessas férias, um dia, voltando com o pai duma feira, pelo caminho falou da sua vida, dos seus escrúpulos — abriu-se-lhe lealmente.

O pai, calado, reservado, ia ouvindo. Encorajado por êste silêncio — quem cala consente — Teófilo teve por fim a grande decisão, e sondou o velho:

— «Nestas circunstâncias, pai, parece-lhe bem que eu me faça padre?»

O pai, como estremunhado, estacou com o macho no meio da estrada, coçando duas vezes o nariz:

— «Acho que não, filho. Que por isso, depois que o António e a pequena se nos foram, e nos ficaste só tu, mais de uma vez eu me tenho encheido de tristeza à idéa que estava condenado a não ter netos... Netos legítimos, está bem de ver. Mas tua mãe!... Como poderás tu convencê-la?»

Este argumento não o esperava o rapaz, nem lhe ocorrera nunca. A fé católica da mãe roçava pela beatice. Ter um padre na família, um padre só seu, do seu sangue, que a absolvessse, que a purificasse, que a protegesse com a sua imensa sombra apostólica, fôra sempre a sua maior aspiração neste vale de lágrimas! Em férias, tôdas as manhãs, era ela que escovava a levita do rapaz, regalando-se longamente à sucapa, a sorvê-la em êxtase, como se lhe levasse já à alma um cheirinho de incenso celeste.

Tudo era já deitar cálculos ao ano em que cantaria a «missa nova». E quando sonhava que, com seus olhos carnis, ainda havia de vê-lo subir a um púlpito, revestido do seu lindo roquete de «crochet», feito por mãos dela, ouvir-lhe a voz máscula, grave, severa, lançando o versículo latino do exórdio e fazendo reboar depois, em voz trovejante, toda essa fiada de lindas coisas que os padres podem dizer aos Santos, a Nossa Senhora e ao Sagrado Coração de Jesus — uma espécie de vertigem lhe ourava a cabeça, que a fazia quasi desmaiar, de puro gôso.

Como podia o pobre aprendiz de clérigo, abeirar-se dela agora, tomar-lhe nas suas as duas encarquilhadas mãos, para lhe dizer com voz triste: — Mãe, perdôa, mas eu não posso ser padre?... Não: seria matá-la.

Faltou-lhe o coragem. E nêsse Outubro, com as primeiras chuvas da Serra, lá abalou de novo, escarranchado no macho rabôto, com o saquitel de chita na frente, o gabinardo preto de briche pelos hombros, e os olhos vermelhos de chorar, a alma nêgra de melancolia, a caminho do Seminário, do presídio.

Depois, no Seminário, conformou-se. Não perderia o seu tempo. Faltava-lhe ainda um ano para as ordens menores. Iria estudando, aprendendo, sobretudo fazendo a ocultas outras leituras — humanidades clássicas, que eram a sua paixão — e entretanto

podia ser que as coisas levassem uma volta.

Quis porém o destino, sempre sarcástico, que a volta que as coisas levaram, fôsse a mais terrível e a mais injusta para o seu coração de filho. Pela matança do porco, a mãe teve uma dôr e foi à cama, a arder em febre... Um telegrama aflito do pai para o Reitor, chamava-o porque a «mãe estava muito mal».

Teófilo, com o coração apertado de angústia, saiu logo essa tarde no primeiro comboio. E quando chegou à pequena estação serrana — onde devia esperá-lo o macho com o garotinho dos mandados — quem Teófilo, da portinhola, viu logo no cais da estação, carregado de luto, muito pálido, com um ar já funéreo, foi o próprio pai.

Não foram necessárias palavras. Teófilo, desfeito em chôro, cafu nos braços do velho, que o estreitava liрто, dilacerado, acariçando o filho como se elle fôsse um garoto ainda.

Depois, pelo caminho, é que o pai contou. Tinha-se ficado essa madrugada. Ainda perguntára duas vezes pelo filho, com medo de morrer, sem o abraçar. Depois, ao luzir o buraco, ficara-se sem agonia quasi, como um passarinho! E elle não quis que fôsse outro, um estranho, a dar-lhe de chofre a notícia brutal: veiu em pessoa à estação.

O enterro foi no dia seguinte. Teófilo chorou af as lágrimas mais êrueis de toda a sua vida, cinzenta, baça, como um dia chuvoso de inverno.

E foi então que, dias depois, o pai tomou a iniciativa de lhe pedir que abandonasse agora o Seminário. Ele sentia-se velho, a caminho da cova também. Ficaria só, com o espectro das longas noites de inverno passadas em silêncio, embrulhado num cobertor, os pés à brazeira. De resto, as courrelasitas que tinha arredondado, com as economias de quarenta anos de trabalho e um ou outro lucro mais graúdo, demandavam olheiro mais moço e activo.

Em feitores não havia que fiar. E visto que elle, consoante o que lhe confessava, não sentia tineta para a carreira, abandonasse agora os latins e as batinas e viesse para ali, acompanhá-lo nos seus últimos dias de velhice.

Teófilo aceitou logo resignadamente. Com quanto alvoroço o não abraçaria, se não fôsse a dilacerante saudade da querida morta que a essa hora dormia já o seu último sono no exíguo cemitério da vila, sob os ciprestes e as roseiras bravas!...

No dia seguinte marchou para o Seminário, a dar ao Reitor as suas razões. Por delicadeza, ocultou-lhe as verdadeiras. Argumentou com a solidão e a teimosia do pai, aduziu mesmo uma piedosa mentira acerca das suas condições de fortuna; e tanto teimou, tão finamente argumentou com a caustica do manhoso Reitor, que o convenceu

a escrever ao Bispo, dispensando-o de mais cerimónias, e deixando-o fazer a vontade ao pai.

Começou então para Teófilo vida nova. Devia fazer êsse ano, pela Páscoa, os seus vinte e dois anos. Sem ser belo, era um rapagão espadado e desempenado, morenuso, com as feições grossas e o mento voluntarioso do pai, e nos olhos fundos e pretos toda a fluida e fatalista doçura do rosto miudinho, menineiro, resignado da mãe...

Conforme à vontade do pai, começou logo a tratar das lavouras da casa — lavouras parceladas, de curtos vãos, mas que exigiam tempos e caminhadas sem tréguas, um grande tino de economia e uma persistência de ferro.

A sua vida, até ali tão triste e tão baça, a dentro dos muros conventuais do Seminário, se melhorára um pouco de horizontes, por lhe abrir diante dos olhos as infinitas perspectivas de liberdade, não melhorára sensivelmente de ambiente. As longas noites de inverno ao lado do pai, taciturno, concentrado, roendo em silêncio uma saudade incurável, eram lúgubres e frias como as paredes duma cripta. Por vezes ainda descia até à praça, a fazer dois dedos de cavaco com o Policarpo boticário.

Mas êsse diabo era bronco como um penêdo. Por cúmulo fazia alvarmente gala do seu ateísmo.

Positivamente, aquela vida não divertia Teófilo. Sentia agora uma nostalgia surda e áspera dos seus livros, da sua cultura. Tentava ainda conciliar os seus deveres de lavrador noviço com as exigências do seu espírito irrequieto. Durante duas semanas, quando sob a invernia brava de Fevereiro os trabalhos do campo se tinham quasi paralisado, êle voltou aos seus livros, aos seus cadernos, já cobertos duma poeira veneravel, numa prateleirinha do seu quarto. Reabriu o seu Virgílio, folheou pensativamente o seu Tito-Lívio e o seu Horácio. Mergulhou nos «Sermões» de Vieira, e na «Nova Floresta» de Bernardes, com um sentimento doce de gratidão. Então pensou em orientar noutros rumos a sua educação e a sua cultura tão incompletas, tão inconsistentes, tão semeadas de lacunas. A noite seguinte passou-a mesmo até altas horas a elaborar um quadro geral de novas e mais succulentas leituras.

Seduzia-o, deslumbrava-o, como um Eldorado, com os seus filósofos, os seus artistas, os seus heróis, toda a antiguidade helénica que êle mal conhecia; a própria latinidade que êle só soletrava e entrevia através do seu Horácio e do seu Virgílio. Para além da Grécia o que havia ainda? Era êsse vácuo misterioso — que a seu vêr o Velho Testamento caluniava e falsificava grosseiramente com fábulas de dormir em pé — o que êle mais desejava devassar. As Origens, o começo do Mundo!!!...

Depois da Grécia e de Roma, a Idade Média com seu bárbaro tumulto de armas e pendões de guerra, o alvoreço heróico e místico das Cruzadas, o pensamento profundo das suas Catedrais; havia ainda o esplendor da Renascença, e os tempos modernos, e toda a época contemporânea, e as sciências naturais, a filosofia, a literatura!... Uma vertigem o apavorou de súbito!

Como podia êle, tão obscuro e tão pobre, numa vilória sumida nas abas da Serra, con-

denado àquela servidão de gleba, sem livros, sem mestres, sem guias, refoçar à vontade nêsse mundo de maravilha e de saber? Perante a enormidade da empresa e a exiguidade dos recursos, sucumbiu.

Mais desalentado, revolido por mil ambições e mil deslumbramentos, fechou os livros, enfiou-se entre os lençóis, soprou os lumes do candieiro de azeite. Repassados da humidade da noite, os lençóis de linho, frios e ásperos como um burel de monge, repassaram-lhe a alma, fazendo-lhe a vida ainda mais algida. Toda a noite se revolveu numa insónia invencível, a perscrutar com desespero o deserto da sua vida e do seu futuro. Antes tivesse seguido a carreira. Quem sabe? Poderia ser que a alma com os seus escrúpulos adormecesse, e êle pudesse fazer uma vida tranqüila de beneditino, fechado com os seus livros a todas as tentações e traições do mundo. Mataria ao menos a sua sede de saber. Perante a Igreja, se não lhe poderia dar uma fé que lhe faltava, poderia ao menos servi-la com uma intelligência esclarecida e forte. E bem necessitada estava ela disso, em Portugal!

Teria talvez ido a Roma, consoante lho fizera ver o próprio bispo. Viria possivelmente a ser um doutor da Igreja... E pelo menos não se teria condenado por suas próprias mãos àquela vida animal e bisonha de lavradorêco da Serra, sem outras ambições nem outros deleites que os de procurar saber se as cêpas impavam ou as porcas pariam.

Pela primeira vez pensou a sério na sua vida. O pai, de facto, já não podia durar muito. Deus lho conservasse ainda por muitos anos; mas era evidente que dia a dia se definhava e pendia para a cova como um cêrio já vasquejante e flexido. O que faria êle depois? Casaria, decerto, ali na Serra. Convinha mesmo que o não demorasse para não sofrer por aí qualquer precalço com alguma das caehopas das jornas, a quem fizesse um filho, e com quem passasse a viver amancebado, o que repugnava à sua consciencia honesta e limpa de costumes, ou se visse obrigado a casar mais tarde, com o filho já graúdo, para lhe evitar humilhações e injustiças. Portanto, era bom ir deitando os olhos. Seria mesmo um grande alegrão que daria ao pai antes de morrer.

Sobre esta conclusão, resignado já, fatalista adormeceu profundamente. No dia seguinte, ao almoço, falou nos seus vagos planos ao pai. O velho, ouvindo-o, teve um estreamecimento de júbilo na face pálida, taciturna. Aproveu-os inteiramente, e confiou-lhe também os seus projectos. Era uma pequena de S. Vicente, dos Anselmos de S. Vicente, muito boa, prendadinha, com alguma coisa de seu, e bonita, desexovalhada. Talvez êle mesmo a conhecesse?

Teófilo conhecia-a, com effeito, duma festa onde fôra, no Sobral. Realmente não lhe parecia peste. Redondinha, branca, viçosa, com os seus vinte e um anos à flôr dos olhos garços, a imagem fugidia passou-lhe na mente como uma primavera; e essa evocação brusca açoitou-lhe de súbito a carne saudável e virgem, como uma bafurada impura mas tépida de sensualidade. Toda essa semana andou já ruminando a maneira de fazer-se encontrado com ela. No domingo, sem tigrir palavra, logo de manhã mandou aparelhar a égua e safu com sol fora.

Chegou a S. Vicente, por volta das onze, a pretexto de consultar um compadre do sitio sobre um negócio de porcos. Mas o homem não estava. Aborrecido, divagou pela vilória, procurou outro compadre; e depois de mil rodeios indagou da casa dos Anselmos. Rondou-lhes a porta, e ao fim da tarde, ela de facto appareceu a uma janela. Cumprimento de cá, cumprimento de lá, parecia que a môça lhe lêra nos olhos a tenção que ali o levára. E coisa foi ela, que pelo S. Miguel faziam-se os proclames na Igreja.

Ela levava-lhe um dote já apreciavel para aquelas redondezas em terras de sementeira, vinha e olival; levava-lhe mais algumas pratas velhas da familia, boas peças de linho, um farto enxoval de casa, dois contos em inserções e um corpinho redondinho e branco, uma suavidade e sujeição de rôla mansa, e uma alma ignorante e limpa que fazia o seu enlêvo de noivo.

Teófilo, por seu turno, levava para o casal tudo quanto o pai arredondára, legado já em vida com reserva do usufruto; uma casa nova, que mandára fazer à entrada da sua aldeia, sobre um cabeço de olival e pomar, a horta ao fundo, e um panorama magnífico sobre a Gardunha; todo o recheio da mobília e mais de três contos em moedas e cruzados dos bons tempos da sr.^a D. Maria I, que a pobre mãe, avaramente, suando e tresuando poupança, amealhára ao canto do baú, para os paramentos ricos e mais despesas da missa-nova do seu Teófilo.

Outra seria a sua missa-nova, cantada em dueto, um dueto de amor que lhe enchia o peito como a torrente de luz e harmonias duma festa da Páscoa.

Andava agora meio doído. Pela primeira vez se rasgava no céu, sempre lutuoso e enovado da sua vida, uma aberta de azul e claridade. Antevia já o seu futuro tranqüilo e farto de pequeno proprietario rural, com seu garrano rinchão na côrte, sua frascqueira bem provida para os dias grandes, e uma vida pautada e sádica de trabalho e honradez entre o conclêgo suave de sua Elisa, as constantes preocupações das sementeiras e das colheitas, e os cuidados e felicidades dos filhos que viessem. O pai viria viver com êles, para levar ao menos para a cova o calor duma résteasinha de sol nos últimos dias da vida. E Deus que os abençoasse!

Com a felicidade e o amor, renascia-lhe agora um novo e tímido bruxolear de sua fé extinta. Mas não a fé dogmática e numificada das sebtentas e do Seminário — antes uma beatitude resignada e mansa, uma confiança cândida num poder extra-terrestre, refúgio de todos os anseios de bondade, de beleza e de justiça da frágil e vil criatura humana.

De facto, à entrada do ano, com as últimas caiadelas e retoques na casa nova, receberam-se. Toda a noite nevára. De manhã, no lusco-fusco pardacento dêsse Janeiro, a imensa charneca que em coreôvas e ondulações de ciclópico oceano, se estende, toda parda, desolada, erigida de pinheiros ou aveuldada de estevais, até aos contrafortes de Gardunha, era um imenso mar de alvura que feria os olhos e lhe entrava na alma com melancolia pensativa e doce.



HELENA ROQUE GAMEIRO
Flôres e porcelanas

A CASA PORTUGUESA

V I Z E U

1—A CASA AMARELA

2 e 3—ALBERGARIA DE PEREGRINOS

4—CASA DA FAMILIA CARDOSO DE CERQUEIRA

5—CASA DA FAMILIA MENDONÇA E AMARAL

ARQUITECTURA
SETECENTISTA



FEMI- NI- NA



Vestido em crêpe da China e crêpe se-
tim cor de coral. Modelo
Simonin. — (Foto G. L.
Manuel Freres)



Casaco de
veludo
bordado
em soute-
che e guaracido de
astrakan gris. — (Foto
G. L. Manuel Freres)

ELEGANCIA, beleza e
mulher, são sinóni-
mos no grande dicio-
nário da Moda. Efectiva-
mente, pode conceber-se
uma mulher que vista ele-
gantemente, pelos modelos
bizarros que a moda cria a
tôda a hora, e que não seja a personifi-
cação da beleza?

O culto da perfeição plástica, obra da
Natureza, tem já um valôr muito rela-

Turbante em
feltro negro e
lamé rosa e
prata com
pequeno véu
em filet de
seda



Modêlo
Agnés
(Foto G. L.
Manuel
Freres)

tivo. Hoje a beleza femi-
nina reside especialmente,
particularmente, no seu en-
canto, e êsse encanto é, afi-
nal, uma resultante lógica
da elegância do seu ves-
tuário, da originalidade dos
seus figurinos, da estilisa-
ção do seu porte. E êstes são os actos
rituais mais importantes no culto da
Deusa Moda, Soberana Despótica do
Mundo.



Criação Agnés. — Palha crocheteé, com fitas
de crêpe da China rosa e negro. — (Foto G.
L. Manuel Freres)



Criação Le Monier. — Feltro desportivo em
feltro cor de areia. — (Foto G. L. Manuel
Freres)



Campên de Cora Marson em palha e seim
preto com applicação de metal e esmalte. —
(Foto G. L. Manuel Freres)

PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM



PORTO VELHO — ASPECTO DA VELHA RIBEIRA

LITERA- TURA BRASI- LEIRA

ALVARO MOREYRA

Este nome, para quem lhe conhece o dono, evoca um indivíduo em plena e forte mocidade, mais baixo que alto, trinta anos, rosto de linhas firmes, aristocráticas, denotando selecção de raça, grandes óculos à Harold por detrás dos quais uns olhos muito vivos, olhos de sonhador e de artista, olhos de Poeta que fulgurantemente brilham.

Riograndense de filiação e de educação liceal, e em grande parte jurídica, veio concluir esta última na faculdade do Rio de Janeiro.

Seus primitivos vãos literários, ainda no Estado natal, foram românticamente nefelibatadas.

Culto por António Nobre. Esotismo de traje e de versos. Rimas bizarras. Imagens preciosas. Gravatas feitas de fitas das coróas fúnebres. Poeta até à raiz dos cabelos.

Formado em Direito, filho de distinta família e com recursos, seu pai consagrado escritor humorístico, abrem-se-lhe diante vários caminhos para seguir belamente na Vida.

Mas a poesia era a sua deusa. A literatura o seu campo predilecto. Lança o seu primeiro livro de versos e começa colaborando em revistas e jornais. Triunfa facilmente. O modernismo encontra-o moço.

Toma-lhe a dianteira. Mais livros, mais triunfos.

Confiam-lhe a direcção de revistas, da admirável «Ilustração Brasileira» e da elegantíssima «Para todos...», de mãos dadas com o exímio artista J. Carlos.

Então vem o triunfo pleno.

Admirado, querido, culto, talentoso, afável,



Alvaro Moreyra

obsequiador, sabendo admirar e ser amigo, Alvaro Moreyra é um dos mais brilhantes literatos e homens de sociedade do Brasil, em cujo peito Portugal colocou o Colar de Santiago.

Nesta altura seria injustiça não fazer referência a uma outra figura brasileira, altamente simpática, filho de português, educado no melhor colégio do Porto, José Pimenta de Melo Filho, comendador da Ordem de Cristo, director em chefe da «Sociedade Anónima «O Malho», a grande empresa de publicações, lançadora de várias excelentes revistas, entre elas as duas onde Alvaro Moreyra pode evidenciar todo o seu talento.

São dois grandes amigos de Portugal, sempre prontos a pôr em relêvo as grandezas do nosso país, no que os acompanham todos os que trabalham naquela illustre Sociedade.

Dentre estes destacaremos ainda, sem me-

nos aprêço pelos outros, o Dr. José Fabrino, diplomata e jornalista de alto relêvo, e António A. de Sousa e Silva, magnífico director-gerente, oficial da Ordem de Cristo.

Alvaro Moreyra tinha há muito um lindo sonho: o Teatro de Brinquedo: espectadores, autores e actores, recrutados nas élites, reveasando-se no palco e na platea dum teatrinho fechado ao grande público e onde se criasse arte pura, arte nova, arte suprema de modernismo. Com a colaboração de sua gentilíssima esposa, espírito requintado e mãos de fada, de outras distintas senhoras e dos seus melhores camaradas, o Teatro de Brinquedo é hoje uma realidade, o último triunfo de Alvaro Moreyra, prosador elegantíssimo e finíssimo poeta.

O Rio de Janeiro exulta. E nós também.

CYRO DALCAN.

EM VOLTA DUM GRANDE DRAMA DE AMOR...

Não é sem um arripio de pavor a deslisar pela espinha que se pensa no que terá sido a tragédia espiritual desse triste reputado amoroso que se chamou Manuel Pinheiro Alves, o marido desgraçadíssimo de D. Ana Plácido!... O drama romântico de Camilo —tão a dentro da época amoruda e sentimentaleira em que se desenrolou— e gloriado em todos os tons por quantos se deslumbram com a glória do grande prosador, envolve na mais descarável injustiça o apaixonado comerciante e não presta a mínima atenção à imensa agonia de quem amou e odiou como poucos, sonhou como todos os portugueses —tenhamos a nosso serviço a pena ou as congeminções mazorras e tediosas do Deve e Haver —foi desprezado, escarnecido, desonrado e morreu com o ódio dolorosíssimo e impotente a sufocar-lhe num garrote de perdição a garganta moribunda!... Daria um angustioso drama, cheio de solidão e desespero, a quem fôsse psicólogo, a fria exposição do que foi a vida de Pinheiro Alves, um grande desgraçado, como o foi também o seu desventurado rival, e que se viu derrotado pelo prestígio do escritor e pelas ideias românticas do tempo... Ah o drama desse grande desventurado que, a mais de meio da vida, sem dar tento da fria realidade, se punha a amar loucamente uma criança e, como qualquer adolescente, imaginava poder lutar com impunidade contra a maior inimiga das ilusões e do amor: — a velhice!...

É, já dobrado há muito o cabo dos quarenta anos de idade, após uma vida laboriosa e burguezona de trabalho estreme, que Manuel Pinheiro Alves começa a sentir não ser a existência apenas função digestiva ou dependente por inteiro do masso e mônia comerciais... Fôra-se a mocidade, há que tempos, e daí, talvez nem sequer houvesse dado por ela, morta aos poucos entre a frieza positiva do Livro Caixa e as fadigas absorventes do grangeio de riquezas, mais tarde causadoras da gelada solidão da sua vida... Mas, se a mocidade, perdida sem remédio, mesquinho e desgraçoso o deixava, o coração, esse é que se recusava a morrer: quando o imprudente menos o futurava, ei-lo que se enflora todo, abotoando em sonhos e ilusões, velho precoce e casquilho que não dava tento, — malaventurado! — do ridículo espantoso a que se expunha e doidamente desastremava, não curando de coisa alguma que não fôsse ganhar o tempo perdido! Cuidava o mísero que o dinheiro serve para mais alguma coisa do que para chamar dinheiro... E pôs-se a amar a formosa criaturinha que vira nas ruas e bailes do velho burgo portuense. Estava-se na época ruidosa do romantismo pigas e dissolvente, dos leões românticos e das mulheres fatais, do adúlterio santificador e das teorias que, em nome

do amor, legitimavam as façanhas de todos os cadeleiros retrincados e de tôdas as damas em transe de escorregadela sentimental. Era o tempo das virgens ideais lamartineamente enroupadas; do amor superior ao dever; das fogosas paixões que tudo justificam; das pálidas meninas que os pais tiranos sacrificam ao seus interesses entregando-lhes o vulto de aérea seraficidade ao positivismo nú e crú primeiro bacalhoeiro com grossos haveres forrageados durante



uma vida inteira a um balcão chumbado de pintos falsos e pingado de nódoas... A arte e a literatura, poetas, prosadores e jornalistas endoidavam as Elviras do tempo e não havia menina que não tivesse um grande amor ideal bebido em leituras arqui-malucas de vates e romancistas...

Pinheiro Alves, para sua desgraça, não acamaradava na turba-multa irreverente e nulante da época. Era um pobre diabo trabalhador, embarcado aos doze anos, como tantos, para o Eldorado brasileiro, sócos nos pés e andaina surrada, pobre como Job, farto da miséria do lar natal e que, à força de privações e de fadigas, regressara, volvidas algumas dezenas de anos, com uma grande fortuna suada e laboriosa, uma fortuna que

lhe custara a melhor parte da existência. Fôra do seu tempo, precocemente envelhecido pelo exaustivo grangeio dos bens, começa então a tragédia ridícula e pungente dos seus esforços para lutar consigo próprio e para se fazer amar... Graças físicas que o impusessem não as possuía o mísero labroste que vovlera brasileiro rico; minguavam-lhe um nome glorioso e uma fama de perdição que sobre ele chamassem o olhar complacente daquêlê paradoxo vivo em certo dia tirado da costela do primeiro homem... Se não era gebo de todo, se procurava mesmo aperaltar-se, como velho gaitero e casquilho, em todo o caso o tempo e as ideias reinantes haviam-o deslocado para o meio de duas pavorosas realidades: — o desamor inevitável da criaturinha romântica por êle estremeçada, e a derrota fatal que sofreria na luta contra um adversário que tinha por si a mocidade, o talento enorme e a aura deslumbradora dos leões do Romantismo, enlévo das cabeceiras loucas das Evas de então!...

Se tem sabido olhar a vida com olhos de ver, se nêle a inteligência, o bom senso, houvessem primado sobre o coração e êste o não iludisse fazendo-lhe crer que tempo e carinhos de tôda a ordem lhe carreariam o amor daquela que adorava, o desgraçado sofreria imenso, é certo, mas estaria salvo... Não soube porém receber os conselhos que a duríssima realidade lhe proporcionava a todo o momento. Renunciar: eis tudo, e eis o que êle não soube ou não quis fazer! Assim, a sua crudelíssima tragédia foi a de todos os velhos que não olham para si e se põem a amar, a amar apaixonadamente, — para serem depois devorados pelo ridículo e pelo desespero da inevitável solidão. Confiou na eficácia enganadora do dinheiro; convenceu facilmente o arruinado pai daquela que estremeceia, ouviu de novo o coração e acreditou, o mísero, que uma vida inteira de adoração, o carinho de todos os instantes, a satisfação de todos os desejos, a dádiva apressada e jubilosa de todos os confortos luxuosos, venceriam o caprichismo romântico da época, a relutância fria, desconsolada e desdenhosa de Ana Plácido... Casou, — sem olhar, o imprudente, a que se aliava uma esplendorosa juventude, cheia de sonho, a uma quasi velhice, descolorida e afastadora...

E a tragédia começa então a intensificar-se. Aos carinhos e ao amor absorvente que consagrava à esposa, respondia esta com o aborrecimento, o tédio, a repulsa, as mentais comparações inevitáveis em enlances de tal natureza... Se grande e humano era o sonho do desventurado, não poderia contudo encontrar eco de espécie alguma numa alma de que o século se apoderara; numa verde mo-

cidade que as miragens românticas enfebreciam e desvairavam. Debalde êle se extremava em carinhos e afectos: recebia em trôco uma passividade cheia de gêlo e desprezo... Quantas vezes o pobre não teria lido, com amargura, nos olhos de sua mulher, o enfado, o nojo, o ódio, a repugnância!... quantas vezes, ao estreitá-la nos braços cheios de amor, não teria visto entre si e Ana Plácido o homem que se lhe atravessava na vida e com o qual não podia lutar! Que horas de tortura inarrável não teria curtido o espírito daquele velho que persistia em não renunciar, enlouquecido de amor e aferrado teimosamente à mais enganadora de tôdas as esperanças!...

Durou aquela agonia de duas almas solitárias o largo espaço de oito anos, numa luta de tôdas as horas, contínua e tenaz. Já os



amores de Camilo com Ana Plácido eram o pasto do bicheiro literato e coscovilhento do burgo portuense; já não havia ninguém que não soubesse que êles se cartearam, enchendo de ignominiosa irrisão o pobre velho. E êste a persistir em se fazer amar, sempre, sempre!... O romancista rentava-lhe a porta audaciosamente; florea no Bom Jesus piararias donjuanescas de galã irresistível; bisbilhotava-se dos amores adulterinos do escritor com a esposa de Pinheiro Alves, e êste sem desanimar, afincado à esperança de um amor impossível. Quicá julgaria que o filho nascido por essa ocasião, após oito anos de casamento infecundo, iria cimentar dum modo indestrutível a sua união com aquela que adorava... Inútil!... a esposa, um dia, declarou-lhe terminantemente que não queria mais viver com êle, exigindo sem rodeios a separação. Incepou-a doloridamente, rebaixou-se a pedidos humilhantes; recorreu a amigos, rastejou, cobriu de mais ridículo ainda a sua velhice desonrada, procurou desgarradamente impedir a ruína do seu lar, o fragoroso desabamento do seu amor, a separação inilindível da linda mulher que enlouquecia os seus desditosos cincoenta e tantos anos. Inútil ainda: o seu destino era ser vencido...

E então recorre a subterfúgios. Impõe o convento, na esperança de que ela reconciliasse e volte para os seus braços: era ainda o sonho dum impossível regresso que o fazia teimar, pobre criatura que se não convencia da desgraça de ser velho e estar fóra da época!... Os amigos lamentavam-no insultadoramente; enchiam-no, em conversas, de apelativos cruéis, de impiedosos dichotes; todos no íntimo se riam dêle, dos seus amores senis, da sua imensa amargura, do ridículo extraordinário da sua atitude. Inútil, ainda; Pinheiro Alves, dementado de amor e de ciúme, teimava em se fazer amar, delido o senso comum, perdida a noção da realidade, sem forças perante a adúltera e covarde perante o rival. E já os amores de Camilo gosavam uma quási liberdade, eram conhecidos de tôda a gente e pasto de tôda a coscovilhice... Mas o desgraçado persistia, teimava, aferrava-se à sua ideia constante, cheio de ignomínia e alvo do desprezo de todos... Teria perdoado, o mísero, a todo o momento que a esposa voltasse ao lar abandonado, donde até levava o filho inocente...

Que doloroso drama o dêste enlouquecido e desventuradíssimo velho!...

Volta-se então para a justiça, põe o seu dinheiro em acção e chicana desabaladamente... Já ao tempo uma dúvida horrorosa mais viera entenebrecer o seu espírito desgarrado por tantas lutas... E se o filho não fosse dêle? Era de endoidecer em verdade, a situação em que o haviam precipitado!... Mas, nêle o amor fazia esquecer tôdas as conveniências, todo o assomo de amor próprio, todo o ridículo imenso; a pesar da dúvida angustiosíssima, ainda amava a adúltera e teria perdoado! Mas o seu lar permanecia viuvo... E então passou-lhe pelo cérebro o desejo ulcerante de vingança... Porém a grande verdade é que, nem num desfôrço violento poderia pensar, valetudinário que o romancista, brigão e volteiro, teria enchido de pontapés no corpo, como já de pontapés lhe enchera o espírito. Em duolos nem pensava também: Camilo célebre pelas cacetadas no Novais dos óculos e nontros pandilhas da cidade invicta, Camilo que se batera várias vezes, afrontando até a esgrima elegante e sábia do janota Ricardo Browne, facilmente brincaria com êle no chamado campo da honra e Pinheiro Alves, sem a mulher, sem o filho, sem dignidade, voltaria para casa com um gilvaz a selar mais fortemente a sua ignomínia... Para êle, bater-se em duelo era tão impossível como fazer-se amar...

Concentrou então tôdas as suas esperanças, odientas por amor, na justiça da terra. O seu espírito era jogado a tolo o momento pelo ódio e pela paixão. Coberto de ridículo, dum ridículo aflitivo e afrontoso, meteu os adúlteros na cadeia e procurou que a justiça os castigasse. E viu então a sua vida assalhada pela imprensa: esta, se o defendia, maior tornava a ignomínia desgraçadíssima daquele velho; se defendia os dois amantes, enchia-o a êle de impropérios, de lama e porcaria morais. Cresciam a popularidade e a simpatia pelos adúlteros, deixando o atraído entregue ao desespero, sem limites, do

repudio e da derrota... Mas o seu sonho não morria: teimosamente perdoaria se ela voltasse para o lar, arrependida e amorável, porque, a pesar de tudo, a queria e adorava sem desfalecimento...

...Veiu o ruidoso julgamento do escritor. E o desventurado sofreu então a última derrota... Na imprensa, um advogado célebre legitimava o adultério e conseguia a absolvição dos culpados — para, mais tarde, renegando as suas palavras, matar a esposa que o enganava afrontosamente...

Desde então, perdidas tôdas as esperanças, confina-se no seu ódio impotente e prepara-se para a morte que sente próxima. Moram paredes meias o ódio e o amor... Um e outro por tal forma o haviam dementado que, no tréspasse final, ao sacerdote que havia chamado para o sacramentar, declarava raivoso,



não perdoar nem à esposa nem ao amante. As palavras saíam-lhe da garganta encorreada num estertor pavoroso de fúria imensa: — Olhe que em não lhes perdoo, ouviu padre?... Eu não perdoo nem a ela nem a êle!...

O padre, — conta-o impressionantemente Rocha Martins, — quedara-se, pasmado de semelhante explosão de ódio. O desventurado velho que tanto quisera perdoar, não sabia, naquela hora horrível, afastar de si o mundo que o perdera... Tão desgraçado fóra em vida, o infeliz, e não queria, dizendo-se católico, recuar ante a eterna perdição, tão enlouquecido estava de amor e de ódio... E morreu a bradar que não perdoava que nunca perdoaria... Que pavor de vida e de morte!...

...A essa mesma hora, no momento exacto em que Pinheiro Alves morria desesperado, sem absolvição, Camilo que estava numa casa de saúde em Lisboa e tudo ignorava, sentia de repente que duas mãos de ferro lhe garravam a garganta e apertavam, apertavam com fúria imensa e inarrável... Havia luz no quarto e o romancista estava sósinho...

E Camilo, nunca pôde esquecer, pela vida fora, aquela coincidência horrível e singularíssima...

ALVARO MAIA.

PARA O MANUAL DO PERFEITO DETECTIVE...

O MISTÉRIO DE S. ROMÃO

E OS DOIS SISTEMAS POLICIAIS
DESCONHECIDOS EM PORTUGAL

Alberto de Oliveira Martins, o homem que iludiu a polícia

A reportagem do crime e dos tribunais, prato suculento para a gastronomia do público, andava a mirar-se, numa atrofia de meia coluna descarnada, nas gazetas. Súbito, uma invisível bomba injectou-a, inchando-a, alargando-a a toda a página numa ameaça de a fazer estalar como um balão. Não é só a quantidade do sangue que se alastra, alacra e vivo sobre o noticiário da imprensa; é também a variedade de cores que a mancham; são os arabescos que desenha; é a multiplicidade de aspectos que oferece e de emoções que comunica.

Esta série vermelha começou a pinçar-se por um mistério que a justiça adelação sem o transparentar por completo: o crime da Poça das Feiteiras — belo título para um conto de Edgar Poe! — e cuja sentença do tribunal de Viseu levantou célebra. Veiu, logo a seguir o remate, no pretório, da tragédia da rua Francisco Foreiro — com a alma de Victorien Sardou a maquinar os alçapões, tragédia onde desfilam um empresário, uma atriz, um auto fantasma turbilhando fumo entre labirintos tenebrosos, mistérios opacos, luzes súbitas e um julgamento sensacional com jovens Zacconi e Novelli, lampejando, nos golpes e nos passos de um florete admirável de oratória; vieram o folhetim de arrearpiar de um inocente que pagava, na cadeia, a pena maior pelo crime que outro, que livres se encontravam, tinham cometido. E logo, sem compasso de espera o mesmo folhetim que se biza segunda e terceira vez — em que as portas da penitenciária se abriam para a liberdade de inocentes, condenados em erro judiciário — e as consciências dos que condenam que se enegrecem, agradecendo o liberalismo difamado que enforcou a força em Portugal e pedindo, lá no íntimo que se evoque graciosamente nos nossos tribunais o caso do Padeiro de Veneza. E por último, o crime de S. Romão, *specimen* completo e talvez único na criminologia — cujo triste herói merecia o mergulho eterno em álcool, dentro dum frasco, nas vitrines da Universidade.

Corre o mundo o boato de que a poli-

cia inglesa, possui o relógio de maior precisão em criminologia: Scotland Yard; e que os seus detectives caçam os criminosos mais blindados como os cães abocam as lebres ou como as aranhas papam as mósicas.

Nada mais errado! A polícia francesa, e depois da francesa, a italiana e alemã são muito mais certeiras nas suas pistas e nas suas montarias aos *hors-de-la loi* do que a inglesa. E para se tirar a prova dos nove basta folhear as colecções dos jornais estrangeiros. Em França, na Itália, na Alemanha, por mais opaco que seja o mistério dum crime pouco tempo levam os holofotes detectivescos a perfurá-los de luz. Na Inglaterra os casos de crimes impunes multiplicam-se de ano para ano.

Vários são os factores que explicam esta inferioridade técnica — sendo dois os principais: o de que, em Inglaterra, há muitos anos não lavra uma epidemia de crimes, encontrando-se, por tanto, os agentes bastante destreinados; e ainda porque os crimes são, quasi sempre cometidos por criminosos amadores, isolados, solitários, sem passado e sem futuro — e que portanto se escamoteiam facilmente pelas malhas da organização preventiva de Scotland-Yard.

A fama da polícia inglesa foi tecida pela imaginação dos romancistas.

E den-se então esse fenómeno pitoresco: que foram os romancistas saxónicos dos dois continentes, a força de se impregnarem no ambiente artificial de crimes fantasiados; à força de se defrontarem, dentro do cérebro, com todos os enigmas policiaes por eles próprios imaginados — quem errou formulas, técnicas, sistemas. E esta inversão de papeis definiu-se tão claramente que hoje publica-se nos Estados Unidos um magazine — «The Detective» dedicado apenas à sciência experimental (?) de criminologia, redigido exclusivamente por novelistas.

Leio, às vezes, esse magazine e encontro com frequência, artigos de grande interesse. Um

exemplo: a entrevista com um famoso Sherlock de Boston — mr. Harry Mac Golden — que trocou a placa doirada de detective pela comodidade e pelo sossego da reforma.

Segundo elle, todos os criminosos, por mais hábeis que sejam, quando mesmo essa habilidade se transforma em génio, não evitam o que se chama, em gíria profissional os fios de *chicletes*. É de difficil explicação este phenomeno; mas a verdade é que o crime, na sua forma mais abstracta, cola às mãos do criminoso uma matéria invisível mas pegajosa que se estia continuamente, sem se deparar do bloco irradiador e que se prende pelo caminho — como se fôsem fios de rebuçado. Mais abundantes, menos abundantes, mais ténues, menos ténues, — esses fios existem sempre e são elles, quasi sempre que dão a pista à policia.

«Mas este sistema está muito dependente da sensibilidade e delicadeza do tacto do detective; e apesar de todas as bússolas scientificas existentes para os orientar nesse sentido — as fichas antropométricas, vigilância preventiva, etc. — é sempre de resultados mui lentos.

«Outra fórmula que se usa sempre de preferença a todas por ser, entre todas, a mais rápida e a mais fácil, é a da *sobreposição*. Os arquivos da Policia recordam muitas «familias criminosas», muitos «grupos de mistérios», muitos géneros de «delictos», muitas «exteriorisações de cálculo de defesa de criminosos» — mas apresentam pouquíssimos casos impares, casos isolados, casos sem génio, casos sem semelhança, pelo menos, com outros casos.

Diz o detective Golden:

«Quando um crime se me apresentava tenebroso, denso, escorregadio, sem ponta por onde lhe pegasse nem vestigio microscópico por onde me orientasse — recorria immediatamente ao sistema de sobreposição.»

Esse sistema consiste em procurar nos registos antigos um mistério que se apresentasse com as mesmas características, com os mesmos sinais familiares. Encontrado o «caso génico» ou o «caso semelhante» coloca-se este sobre aquêl e vê-se pelo segundo o caminho a seguir para encontrar o criminoso do primeiro.

E elle conta:

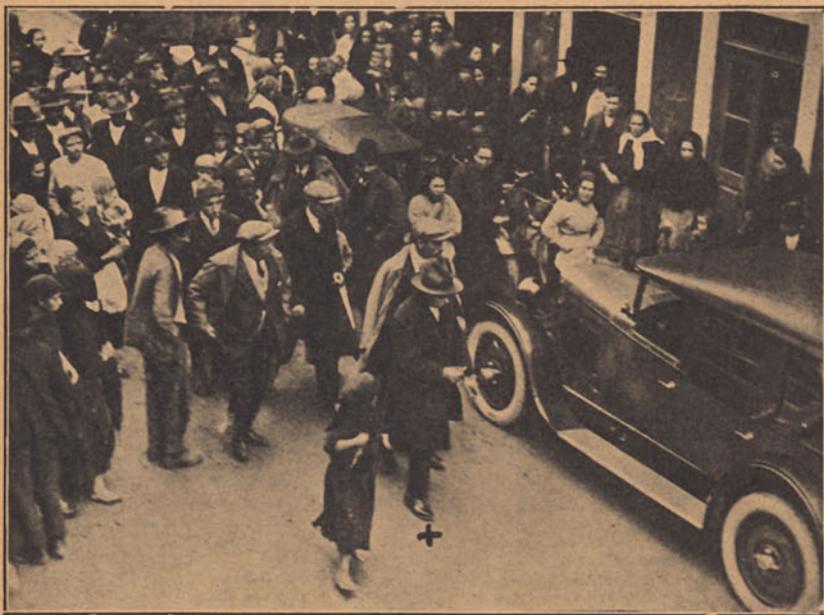
«A primeira vez que appliquei esta tecnica foi em 1897, no mistério de Edna Morris. Edna Morris era uma mulhercaça, entradota em anos, mas rija ainda, herdeira de alguma fortuna e casada com um sobrinho. Viviam nos arredores da cidade numa vila cercada de jardins e guardada por dois cães de respeitavel saúde.

«Uma noite regressando o marido da cidade, onde fôra assistir a um espectáculo, encontra o portão aberto. Neste momento passava um *policeman* de giro que com elle entrou no jardim. A porta da casa estava aberta e Edna Morris foi encontrada com as guelas abertas à navalha; e ao passarem revista ao jardim deram com os dois cães de guarda enforcados em cordas mui curtas — que mal chegavam para o anel do estrangulamento.

«Levamos três meses a marcar passo — sem



O criminoso dando indicações para reconstituir o crime



O criminoso (x) seguido pela multidão, ao entrar para o automóvel em S. Romão

largarmos uma única pista. Foi então que me resolvi recorrer à *sobreposição*. Fechei-me no arquivo, passei dias folheando processos até que encontrei um que se *sobrepunha*, por semelhança ao caso de Edna.

«Era velho já de vinte e dois anos; — datava de 1875. Ficava etiquetado com o título do «Mistério da Vila Pjerfied». Pjerfied era um judeu de origem alemã, mui rico que vivia com esposa, dois filhos, uma filha, um genro, um sobrinho e três criados. Um sábado a família foi toda a Boston assistir a um espectáculo, devendo pernoitar num hotel da cidade, regressando a casa no domingo. Dois dos criados tiveram licença para dar uma volta — ficando em casa apenas uma criada, recentemente contractada e que se deitou mui cedo. Quando os criados voltavam e no *preciso momento em que passava o policeman* de giro viram o portão aberto. O policia entrou com eles, e os três deram com o juden apunhalado, o cofre esvaziado e os *dois cães estrangulados*... O detective que tomou conta do caso suspeitou dos criados. É suspeito pelo seguinte raciocínio: os dois cães eram feroçíssimos e dificilmente um extranho se aproximava deles... para os enforcar. O enforcamento só podia ser feito a laço — mas a pequenez das cordas punha de parte semelhante hipótese. O criminoso devia ser da confiança dos animaes — e portanto pertencia à casa de mr. Pjerfied. Seguro por esta dedução, o detective observou, um por um, os habitantes da casa, investigou se todos os parentes tinham estado realmente no teatro e voltou-se, decidido, para os criados. Ao segundo interrogatório confessaram tudo. Tinha pedido licença para sair e esperaram que a família do amo partisse para entrarem de novo em casa e praticarem a proesa. Depois enforcaram os cães, para despistar a policia, tornaram a sair e só quando o policia de giro se avistou nas proximidades da vila é que eles para lá se dirigiram para ter uma testemunha favoravel.

«Sobreposto este caso ao de Edna Morris foime facilimo apontar o criminoso. O criminoso devia merecer toda a confiança aos cães de guarda. Nestas condições só estavam três pessoas: as duas criadas e o marido da vitima. das duas criadas, uma era miope (os miopes raramente são homicidas) e a outra uma velha de sessenta anos. Nenhuma podia atacar Edna que era uma mulher de armas. Ficava-nos de pé a hipótese do marido; e agravando esta suspeita estava o facto de ele regressar à vila no preciso momento em que passava o *policeman*. Prendi-o; e da prisão à confissão levou apenas umas horas. Era ele. O sistema triunfara mais uma vez!»

Perguntarão agora:

Que tem que ver toda esta lenga-lenga de tecnologia detectivesca com a tragédia de S. Romão...

A primeira vista este artigo pode parecer um desconcerto de remendos, como as calças dos operários. E no fundo, não é. Esperem pelo fim e verão como fica tudo cerzido como uma só peça.

É tempo de projectar sobre o papel, com a rapidez dum filme, o que foi a tragédia de S. Romão. António Pacheco era um pobre rapaz, ambicioso por optimismo que trabalhava como um mouro, numa mercearia do Porto, que economisava como um judeu e que vivia nos arredores da cidade, ou antes, nos arredores dum arredor, visto que de S. Romão a Covelas, onde ele tinha a sua czinha era ainda um bom pedaço de caminhada.

Todas as noites, ao fechar da loja, tomava o combóio e recolhia a casa, cortando por um sitio ermo e deserto.

Uma manhã aparece morto, nesse caminho solitário da sua predilecção. Estava caído de borco, com a caixita do «lunch» ao lado, o crânio amolgado por três pauladas e a gorja aberta à navalha.

Durante seis meses os agentes farejaram ansiosamente em redor do mistério; mas todas as investigações achavam-se como balas de pistola contra o dorso dum couroçado! Durante seis meses o povo de S. Romão se desesperava, vexado pela impunidade do criminoso. Até que, há semanas, quando a policia amolecia fatigada do insucesso continuo — a opinião pública a espicaçou: o povo pagou as despesas necessárias para que Custódio das Dóres — o «gazu» dos enigmas blindados — viesse decifrar a charada.

Foi então que três agentes do Porto — Sousa, Filipe e Ribeiro, resolveram ser também Custódios — mesmo sem Dóres... E applicaram então o sistema a que Golden chama «os fios de chicletes». Todas as manhãs pousavam na sgares de S. Bento para, de surpresa, apalparem os viajantes que vinham de S. Romão — na esperança de encontrarem nos bolsos dum deles um dos objectos roubados ao morto. E o tacto dos agentes deu com o «fio» de rebuçado: vasculhando a algibeira dum passageiro deram com uma agenda que levava o carimbo da mercearia onde a victima trabalhava. Prisão, interrogatorio de fogo cerrado, as primeiras contradicções, uma volta mais à prensa — e a confissão, golfon, dum jacto.

Estava desvendado o mistério de S. Romão — um longo mistério de seis meses, a ameaçar eternizar-se — e o criminoso a ferros da justiça.

E quem era ele? Um bronco moço de quinta, um amigo intimo do morto, quasi um irmão. Como o matára? Esperando-o ao caminho, abraçando-o, aconchegando-o na sua amizade — e corrido, de súbito, à paulada até o estender. Porque o matára? Porque Antonio Pacheco ganhava dez escudos por dia e ele três; porque ambicionava substituí-lo no logar que tinha, na mercearia do Porto!!!

Mas, bronco como era, a esperteza e a velluaria não lhe faltavam. A suspeita tinha picado, um por um, quasi todos os habitantes de S. Romão, e ele conseguira sempre, contorcendo habilmente, evitar as flexas da murmuração. Esperto e hábil fora ainda apagando, à sua volta, todos os vestigios do crime. Mas o fio do chicletes lá ficou, ligando-o à proesa. Desfizera-se de tudo — menos da agenda. E foi a agenda que o levou à justiça.

Seis meses levou a policia a perfurar o bloco de granito que ocultava a verdade — porque os sistemas que ainda se usam em Portugal não possuem ainda aquela subtilidade da fórmula de sobreposição aconselhada por Golden. E se a tivessem empregado — no fim dum mês, o máximo, o crime estava descoberto.

Fácilmente o posso provar.

Quando os primeiros agentes foram a S. Romão investigar do assassinato de Antonio Pacheco e a perder tempo à procura de inimigos e de interessados, que não existiam visivelmente, na morte do desgraçado — houve alguém que se lhe ofereceu para os auxiliar, e que se mostrou incansavel, tão ansioso como eles, pela verdade e pela prisão do matador; alguém que os acompanhava por todos os lados, que lhe segredava aos ouvidos nomes de suspeitos, que os procurava orientar, uma actividade febril, uma diligência admirável. Esse alguém... era o criminoso... o que foi agora descoberto e preso!

Parece realmente que este sistema de escamoteação explica que os agentes se desorientassem, que andassem quilómetros à procura do assassino que caminhava ao seu lado como uma sombra. E, contudo, esta attitude era quasi uma confissão — se os agentes usassem o sistema citado...

Não precisavam deitar abaixo as prateleiras dos arquivos; bastava que circunvassem a vista em redor. Tinha o assassino de Maria Alves; o mistério de Castelo Branco; o crime do jornalista Redondo. Todos episódios recentes...

Sobrepunham os três ao caso de S. Romão. Os quatro se ligavam pela igualdade de certas características. E o que há nos três *specimens*? Que os criminosos, tão esquivos, ao principio, aos projectores da policia, tinham sido os desorientadores da própria policia, oferecendo-se para auxiliar nas investigações, activos, diligentes, febris, amaldçoando e jurando ódio de fera aos assassinos... que eram eles próprios!

É fazendo isto, a sua suspeita caíra, como uma seta lançada por mão de mestre, sobre o seu colaborador voluntário que mostrava tanto interesse na descoberta do matador do pobre Antonio Pacheco.

Há mais: que não é a primeira vez que faço a publicidade do sistema da sobreposição, na imprensa portuguesa. No dia seguinte ao assassinato de Maria Alves, sem citar sequer o nome de Augusto Gomes, publiquei, em *A Tarde*, um artigo recheado de sobreposições de casos caracteristicamente gémeos ao da tragédia de Francisco Foreiro. Citava o assassinato de seis artistas estrangeiras — entre elas de Yvette Gondrain, tão brilhantemente relatado numa crónica de Mariano Pina, em *O Seculo* — mortas em condições idénticas à da páldia estrela do Teatro Maria Vitória; e o comentário que insinuava o verdadeiro caminho a seguir era o da lista dos criminosos — todos eles «protectores» e «amantes» da vitima, e um — o da mimica Marta Wilth, em Barcelona, *seu empresário!*

O sistema das sobreposições foi criado por um folhetinista — embora Golden lhe chame seu. E é por isso que nunca nos devemos rir da fantasia dos que escrevem. São eles os profetas das grandes fórmulas. A imaginação de Júlio Verne deve Dumont o aeroplano, Savage, o submarino e Marconi a telegrafia sem fios...

VIDA CIENTÍFICA

OS TECIDOS

As peles de animais devem ter constituído o primeiro vestuário que o homem utilizou para se defender do frio e o primeiro colchão em que descansou. Só muito mais tarde aprendeu a tecer. Os fenícios, quando dispunham do comércio do Mediterrâneo, iam bus-

penas de galo depois de laboriosas preparações. A maior parte dos brilhantes tecidos a que chamam de sêda tem origem vegetal, não sendo mais que uma celulose trabalhada por complicados maquinismos. Para os tecidos grosseiros, as linhagens com que se fa-

dias ou semanas, até que a casca se destaque facilmente, lava-se esta em água corrente e põe-se ao sol a secar. Cultiva-se principalmente a juta no delta do Ganges.

Com propriedades semelhantes às da juta tem-se utilizado a *Urena lobata*, menos exigente em cuidados de cultura, a que dão na América do Sul a denominação de Aramina, e ainda o cânhamo da Guiné, mais fino que a juta mas menos resistente, que se encontra abundantemente no vale do Niger.

Duas espécies de rami (uma urticácia), a ortiga branca, de origem chinesa, e a rami verde, de origem malaia, são também dignas de apreço para a preparação de tecidos. Estes tem o aspecto brilhante da sêda e são mais resistentes que os de linho ou de cânhamo. Com eles se fazem linhas de costura, bordados e vários objectos de vestuário. Misturam-se as suas fibras com os fios de lã e empregam-nas também para a fabricação de especiais qualidades de papel. Diz-se que entram essas ortigas na preparação do papel que serve para as notas de banco.

Muitas outras plantas nos dão fibras de que podem fabricar-se tecidos mais ou menos finos e resistentes, uns que podem substituir-se ao algodão, outros que, misturados com êle, lhe modificam o aspecto ou as qualidades ou permitem o barateamento da mercadoria. Algumas tem limitado o seu emprego aos estofadores e cordoarias. Entre estas últimas plantas não devemos esquecer os agaves, da família das amarilídeas, das quais é muito comum, entre nós, a que vulgarmente conhecemos pela denominação de *pitceira*. O *sisal* é um agave, cujas folhas, de dois metros de comprimento, se cortam no tempo próprio. Uma das nossas figuras representa êsse corte do sisal feito por negros numa triste paisagem de África.



Corte de sisal

car o linho ao Egipto e as lãs a Espanha, e fabricavam em Tyro os tecidos que tornavam preciosos corando-os de púrpura. Tão importante foi êsse comércio, que Salomão, quando impôs o domínio hebraico aos príncipes sírios e caldaicos, obrigou-os a não importarem o linho do Egipto senão por seu intermédio. Devem, pois, ter sido a lã e o linho que forneceram os primeiros tecidos; depois vieram os panos de sêda, em cuja fabricação se tornaram célebres, mais tarde, os mussulmanos de Damasco; depois o algodão. No tempo dos esplendores de Athenas, o *chiton* das mulheres gregas era ainda umas vezes de lã, outras de linho.

Mas não se teceria já nesse tempo o algodão? Afirma-se que êle é de origem chinesa, mas sabe-se também que antes de Cristo o cultivavam no vale do Nilo e que o conheciam igualmente os índios. De lá importou a Europa os tecidos até à segunda metade do século XVII. Foi em 1772, em Inglaterra, que se estabeleceu a primeira fábrica de panos de algodão.

Hoje são principalmente os tecidos de algodão, de lã e de linho que nos vestem e nos prestam outras utilidades, embora de ano para ano os mercadores inventem novos nomes e até novos aspectos para as suas mercadorias. É como as denominações de fantasia que tomam as peles de coelho e as

zem sacos e panos de embalagem de mercadorias empregam-se hoje fibras de várias plantas, algumas das quais são de recente utilização.

A fibra do *Eriodendron anfractuosum*, uma árvore de origem americana que se espalhou pelas regiões tropicais, pode misturar-se com a do algodão, dando tecidos mais leves que os feitos com algodão puro mas menos resistentes. O fruto colhe-se quando cai de maduro ou promove-se a sua queda varejando a árvore no tempo próprio. Dentro existem os fios de que se fazem as fibras e as sementes donde, como também das do algodão, se extrai um óleo de que pode fazer-se sabão. O resíduo é aproveitado para alimentação de animais, para adubação de terrenos ou para combustível. E a fibra tem as vantagens de ser muito leve e não absorver água, sendo a sua fluatibilidade relativamente a êste líquido superior à da cortiça.

A juta é muito nossa conhecida. Mais barata do que o cânhamo e o linho, ela tem principalmente emprego em trabalhos de estofador. Serve também para sacos e panos de embalagem. Os sacos de terra empregados na guerra para defeza de tropas, eram feitos de juta. A sua fibra não provém de frutos. Corta-se a planta no tempo próprio, enfiavam-se os ramos, deixam-se secar, conservam-se depois dentro de água por alguns



Ramo de *Eriodendron anfractuosum*

Maquinismos complicados, sujeitos a aperfeiçoamentos sucessivos, aproveitam hoje todas essas plantas e outras ainda cuja referência alongaria demasiadamente esta nota. Assim a matéria prima da fabricação de tecidos vai sempre aumentando. E assim sucede que, hoje, mesmo as pessoas muito pobres vestem camisa, o que constituía, há alguns séculos, privilégio exclusivo de gente de grandes haveres.

F. MIRA.



ATLANTIDA

ROMANCE

DE PIERRE BENOIT
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

(Romance votado no concurso do Magazine Bertrand e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)

Fui o primeiro que fiz notar, antes de Foreau, a importância de Temassinin, ponto geométrico da passagem das caravanas, e que indiquei o sítio onde o capitão Pein acaba de construir um forte. Ponto de cruzamento das estradas que do Fezzan e do Tibesti se dirigem ao Tuat, Temassinin há de vir a ser a sede de um excelente posto de informações. As que eu aí colhi, nessa ocasião, sobre os manejos dos nossos inimigos Senoussis, foram importantes. Também notei o completo desinteresse com que Morange me viu proceder a altas averiguações.

Fesses dois dias passou-os ele a conversar com o velho guarda preto do *turbet*, onde estão, sob cúpula de gesso, os restos do venerado Sidi-Mussa. E pela admiração com que o negro o escutava, compreendi quão profunda era a minha ignorância dos mistérios do imenso Saará, e como eles eram familiares ao meu companheiro. E se tu quiseses que eu te dê uma ideia da extraordinária originalidade que Morange demonstrava nesta aventura, tu que sempre tens alguma prática das coisas do Sul, vais ouvir. Foi precisamente a uns duzentos quilómetros daqui, em plena região da Duna Grande, naquelle horrível percurso dos seis dias sem água. Só a tínhamos para os dois dias que faltavam para chegarmos ao primeiro poço, e tu sabes que nesses poços, como escrevia Platters à esposa, é preciso trabalhar umas poucas de horas para os desentulhar e conseguir que se possa beber. Pois bem, encontramos aí uma caravana que ia para Rhadamés e que tinha cortado um pouco ao norte. As bossas dos camelos, diminuídas e oscilantes, diziam bem quanto todos sofriam. Na cauda, caminhava um miserando burrinho cirzento, tropeçando a cada passo. Já lhe tinham tirado a carga, certos de que ia morrer. Mas o animal, levado pelo instinto, adivinhando que, se ali se deixasse ficar, acabaria despedaçado pelos abutres, teimava em seguir atrás da cavana. Gosto dos animais e tenho sólidas razões para os preferir aos homens, mas nunca me passaria pela cabeça fazer o que fez este Morange. Devo dizer-te que os nossos ôdres estavam quasi secos e que os nossos próprios camelos — e sem eles um homem não é nada neste deserto vazio, havia muitas horas que não bebiam. Morange fez

ajodhar o seu, despertou um dos ôdres e deu de beber ao burrico. Senti uma certa alegria ao ver os flancos pelados do animal encherem-se de vida nova. Mas a responsabilidade era minha, eu via Bu-Djema espantado e nas caras dos homens da caravana, mortos de sede, lia a desaprovação daquele acto. Tive de fazer uma observação. Como a recebeu Morhange!

—O que eu dei—respondeu êle—foi aquilo a que eu tinha direito. Amanhã, às seis horas da tarde, chegaremos aos poços de El-Biodh. Até lá sei que não tem sede. E isto num tom em que, pela primeira vez, se mostrava o capitão. «Eis uma coisa que não custa a dizer»—pensei eu de muito bom humor.—Ele bem sabe que, quando precisar, o meu ôdre e o de Bou-Djema, estão à sua disposição». Mas eu ainda não conhecia bem Morhange: o certo é que, até à tarde do dia seguinte, em que chegámos a El-Biodh, por



mais que lhe oferecessem a água, o capitão, limitando-se sempre a agradecer com um sorriso, não tornou a beber.

Sombra de S. Francisco de Assis! Colina da Umbria, tão puras ao sol nascente! Foi por um nascer de sol semelhante à beira de um pálido ribeiro a correr em cascatas de uma fenda das rochas cinzentas do Eguéré, que Morhange parou. As inesperadas águas corriam sobre a areia, e na claridade que as trespassava, brilhavam peixinhos pretos Peixes no meio do Saará! Ficámos todos sem fala diante deste paradoxo da natureza. Um dos peixes tinha-se desviado para

uma bafasinha de areia e lá estava, a revolver-se em vão, com o ventresinho branco para o ar. Morhange pegou nêlo, esteve um instante a examiná-lo, e tornou a metê-lo na água corrente... Sombra de S. Francisco. Colinas da Umbria... Mas é meu propósito não interromper esta narrativa com digressões intempestivas.

—Bem vê—dizia-me uma semana depois, o capitão Morhange—que eu tinha razão em aconselhar-lhe que avançasse um pouco mais para o sul, antes de se dirigir para Shikh-Salah. Eu tinha o pressentimento de que não era o massiço de Eguéré que havia de dar-lhe o que o meu amigo queria. Aqui só tem o trabalho de baixar-se para apanhar as pedras que lhe permitirão demonstrar mais preempertoriamente a Bou-Derba, a Cloizeaux e ao doutor Marrès a origem vulcânica desta região.

Vamos então seguindo a encosta ocidental dos montes Tifedest, a 25° de latitude norte.

—Agradeço-lhe com muito reconhecimento—disse eu.

Hei de lembrar-me sempre deste instante. Tínhamos-nos apeado e estávamos a apanhar fragmentos das rochas mais características. Morhange fazia-o com um discernimento que bem mostrava os seus vastos conhecimentos de geologia, sciência que êle tantas vezes afirmára ignorar completamente.

Foi então que lhe fiz esta pergunta: —Em prova de reconhecimento, poderei dizer-lhe uma coisa que sinto?

—Levanton a cabeça e olhou para mim.

—Diga... —Olhe, com franqueza, não vejo bem que interesse prático pode ter a viagem que empreenden.

Ele sorriu. —Quê? Então a exploração do antigo caminho das caravanas, a demonstração de que desde a mais remota antiguidade houve relações entre as terras do mediterrâneo e a terra dos prepas, não lhe parece oferecer interesse? Então não merece a pena vir acabar, duma vez para sempre, com a questão secular, que tem trazido à bullia tantos sábios: de um lado d'Anville, Heeren, Berlioux, Quatremère; do outro, Gosselin, Waleknaer, Tissot, Vivien de Saint-Martin?

O meu amigo é difícil de contentar. —Eu falei de interesse prático—disse eu. —Não pode contestar que essa controvérsia só interessa a geólogos de gabinete e exploradores de sala.

Morhange continuava a sorrir. —Oh! meu querido amigo, não me atormente. Lembre-se que a sua missão lhe foi confiada pelo ministério da guerra e eu recebi a minha da Instrução Pública. Esta origem diferente justifica a divergência de nossos intuitos. E explica também, como

não hesito em reconhecer que o meu não apresenta realmente carácter prático.

Mas o meu amigo veio também mandado pelo ministério do Comércio,—repliquei eu vivamente—com o compromisso de verificar se era possível restabelecer o antigo caminho comercial do século IX. Ora, a esse respeito é escusado querer-me iludir: com os seus conhecimentos da história e da geografia do Saará, já em Paris sabia que o caminho de Djend ao Níger está morto e bem morto; já sabia que não havia possibilidade de ressuscitá-lo, e todavia aceitou o encargo de o estudar.

Morhange olhou-me a direito e redarguiu com viveza amabilíssima:

—E se assim fôsse? Se assim tivesse já, antes de partir, a convicção que me atribui, sabe o que se devia concluir?

—Muito gostaria eu de que me dissesse. —Unicamente, que eu tive menos habilidade que o meu querido amigo, para encontrar pretexto para a minha viagem, que eu não escondi com tão boas razões os verdadeiros motivos que aqui me trazem.

—Pretexto? Não percebo...

—Ora agora é a minha vez de lhe pedir que seja sincero. O meu amigo tem o mais vivo desejo, estou bem certo, de informar os postos árabes sobre os manejos dos Senusis: mas há de confessar que essas informações não são o fim exclusivo e íntimo do seu passeio. É geólogo. Encontrou nesta missão ensejo de satisfazer o seu gosto. Ninguém seria capaz de lho levar a mal, uma vez que soube conciliar a utilidade da pátria com o contentamento da sua paixão. Mas,

pelo amor de Deus, não negue: para o provar basta vê-lo aqui, na encosta d'este Tifedest, bem curioso, é certo, sob o ponto de vista mineralógico, mas cuja exploração não o deixou de atirar para uns centos e cinquenta quilómetros a sul do seu itinerário oficial.

Seria impossível tapar-me a bôca com delicadeza. Parei o golpe atacando.

Devo então concluir de tudo isto que ignoro os verdadeiros motivos da sua viagem, e que êles não tem nada que ver com os motivos oficiais?

Foi ir longe de mais. Bem o compreendi no tom sério com que desta vez respondeu Morhange.

—Não, meu amigo, não deve tirar essa conclusão. Eu era incapaz de enganar e explorar ao mesmo tempo, os que me julgarem digno da sua confiança e dos seus subsídios. Hei de me desempenhar da missão de que me encarregaram, o melhor que puder. Mas não devo ocultar-lhe que a bem d'esses intuitos, tenho outro, exclusivamente pessoal, que tenho muito a peito. Digamos, se quiser, para empregar uma terminologia que, de resto, não é acertada, que êste intuito é o fim, ao passo que os outros são os meios.

—Serei indiscreto?...

—Não, não é nada indiscreto—respondeu o meu companheiro—Shikh-Slah está apenas a alguns dias de viagem. Não tardamos a separar-nos. Não devo ocultar nada ao meu amigo, que encaminhou os meus primeiros passos no deserto, com tanta solici-tude.

Tínhamos parado no vale de um pequeno rio seco, onde cresciam alguns arbustos enfezados. Ao pé brotava uma fonte, e em tórno dela havia como uma corda de verdura acinzentada. Os camelos desalbardados para a noite, dando grandes pernadas, andavam a pastar nas moitas espinhadas do had. Junto de nós erguiam-se quasi a pique, as muralhas negras e lisas dos montes Tifedest. Já se elevava, no ar imóvel, o fumo azulado da fogueira em que Bou-Djema cozia o nosso jantar.

Nem um ruído, nem um sôpro. O fumo, direito, direito, subia lentamente, no céu pálido.

—Já ouviu falar no *Atlas do Cristianismo*?—preguntou Morhange.

—Creio que sim. Não é uma obra de geo-

grafia publicada pelos Beneditinos, sob a direcção de um Dom Granger?...

—É fiel a sua memória—disse Morhange.—Permita-me, todavia, que eu precise algumas coisas pelas quais não teve motivos para se interessar iguais aos meus. O *Atlas do Cristianismo* foi feito com o intuito de definir os limites da grande maré cristã, através dos séculos, e em todas as partes do mundo, é um trabalho digno da sciência beneditina e do prodígio de erudição que é Dom Granger.

—E foi certamente para determinar êsses limites que aqui veio—murmurei.

—Assim foi—respondeu o meu companheiro.

Calou-se e eu respeitei-lhe o silêncio, resolvido já a não me admirar de coisa alguma. Depois de meditar alguns instantes, continuou com voz muito cava, em que já não havia nem o mínimo reflexo daquele bom humor que, um mês antes, tanta alegria causara aos jôvenes oficiais de Ouargla.

—As meas confidências são ridículas; já que principiei, von dizer-vos tudo. Abster-me-hei de insistir em certos factos da minha vida íntima. Há quatro anos, fui bater à porta de um convento para professor. Os motivos, pouco importam. Posso admirar-me de que a passagem pela vida, de um sêr absolutamente destituído de interesse tenha bastado para modificar a direcção desta vida; de que uma pessoa, cujo único mérito era ser bela tivesse recebido do Criador a missão de actuar sobre o meu destino em sentido tão inesperado. No convento encontraram fortes razões para duvidarem da firmeza da minha vocação. O que o mundo perde com estas resoluções bruscas, recupera-o muitas vezes da mesma maneira. Enfim, não posso desaproveitar o Padre Superior, que me proibiu que pedisse a demissão. Eu era capitão e tinha-me formado no ano antecedente. Por sua indicação, pedi e obtive três anos de inactividade. Ao fim d'êstes três anos de oblatura se poderia então reconhecer se o mundo tinha ou não, inteiramente, morrido para êste seu criado. Logo no dia que entrei para o convento me puseram à disposição de Dom Granger, que logo me juntou à turma que trabalhava no famoso *Atlas do Cristianismo*. Curto exame lhe permitiu julgar dos serviços que eu poderia prestar-lhe. Entrei, pois, para a officina encarregada da cartografia da África Setentrional. Eu não sabia uma palavra de árabe, mas, quando estivera servindo em Lião, fôra aluno de Berlioux, geógrafo iluminado, é certo, mas que estava todo cheio de uma grande idea: a da influencia que sobre a África exerceu a civilização grega e romana. Este pormenor da minha vida bastou a Dom Granger. Logo me rodearam de vocabulários e gramáticas da língua temaxeque; e, ao fim de três meses já eu era capaz de ler qualquer inserição *tifinar*. Sabe que é êste o nome da escrita nacional dos Tuaregues, expressão dessa lingua temaxeque, que se nos apresenta como o mais curioso protesto da raça targui contra os seus inimigos maometanos.

Dom Granger era de opinião que os Tuaregues tinham sido cristãos desde uma época que está ainda por determinar, mas que deve coincidir com o esplendor da Igreja de Hippona. Sabe que entre êles a cruz é um motivo ornamental fatídico. Verificára Duvyrier que ela figura no seu alfabeto, nas



armas, nos desenhos das roupas. A única tatuagem de que usam na testa e nas costas da mão é uma cruz de quatro braços iguais. A maçã das selas, os punhos das espadas e dos punhais, são em cruz. E não preciso lembrar, que, apesar de o islamismo ter proscri- to os sinos como símbolo cristão, os arceios dos cavalos tuaregues são guarnecidos de campainhas.

«Nem Dom Granger nem eu ligávamos excessiva importância a provas como estas. Mas não se pode, em absoluto, negar valor a certos argumentos teológicos. O deus dos tuaregues, Amanai, que é incontestavelmente o Adonai da Bíblia, é um deus único: tem um inferno, onde reina Iblis, o nosso Lucifer, e um paraíso habitado pelos *andjusen*, os nossos anjos. E não nos objectem que esta teologia se parece com a do Alcorão: essa objecção é invalidada por argumentos históricos, pois que os tuaregues lutaram durante séculos até uma quasi extermi- nação, para manterem as suas crenças contra a invasão de fanáticos maometanos.

«Muitas vezes estudei com Dom Granger essa formidável epopeia em que se vêem os aborigenes fazer frente aos conquistadores árabes. Vimos o exército de Sidi-Oka, um dos companheiros do profeta internar-se no deserto para reduzir as grandes tribus tuaregues e lhes impôr o Islamismo. Eram elas então ricas e prósperas. Eram os Ihoggaren, os Imedredren, os Ouadelen, os Zel-Guêress, os Zel-Air. Porém, as desavenças que entre elles lavravam, enfraqueceram a sua resistência. Foi todavia terrível. Só ao cabo de uma guerra longa e atroz conseguiram os árabes tomar Tadmekka, capital dos Berbères, destruíram-na e, sobre as ruínas, construíram Es-Souk. Dom Granger quis que eu viesse tentar exumar das ruínas da Es-Souk muçulmana, os vestígios da Tadmakka berbere, que foi talvez cristã.

—Agora entendo— murmurei eu.

—Muito bem—disse Morhange—mas veja o senso prático destes religiosos, que foram os meus mestres. Mesmo ao cabo de três anos de vida monástica, ainda tinham dúvidas acerca da firmeza da minha vocação. E reconheceram ao mesmo tempo o modo de a sujeitar a uma prova definitiva e de conjugar as facilidades officiais com os seus intuitos particulares. Uma bela manhã, o Padre Superior mandou-me chamar, e vou-lhe dizer como elle me falou, na presença de Dom Granger, que opinava silenciosamente.

—«A vossa licença de inactividade termina daqui a quinze dias. Ides voltar a Paris e solicitar a vossa reintegração. Com o que aqui aprendestes, e as relações que temos no Estado Maior, não encontrarás dificuldade em serdes colocado ao Serviço Geográfico do Exército. Uma vez na rua Grenelle, recebereis instruções nossas.

«É um belo dia, sem que eu tivesse feito nada por isso, os ministérios convidaram-me a vir estudar a antiga via das caravanas. Eu só fiz uma coisa: como tinha as maiores dúvidas a respeito das minhas aptidões práticas de explorador, quando soube da sua missão trabalhei por demorar-lhe a partida, para poder vir na sua companhia. Já não me quero mal por isso, não é verdade?

A luz fugia para o occidente, onde o sol tinha caído, num luxo inaudito de roupagens róxas. Estávamos sós naquela imensidade, ao pé dos rochedos negros e rígidos. Estáva-

mos sós, absolutamente sós. Estendi a mão a Morhange, que me apertou. Depois, disse:

—Se os milhares de quilómetros que me separam do instante em que, terminada a minha missão, poderei, enfim, encontrar no claustro o esquecimento das coisas para que não fui feito, me parecem infinitamente longos, permita-me que lhe diga: as centenas de quilómetros que me faltam para chegar a Shikh-Salah, e que vou percorrer na sua companhia, parecem-me infinitamente curtos...

Sobre a água pálida da pequena fonte, imóvel e fixa como um prego de prata, aca- bára de nascer uma estrêla.

—Shikh-Salah, disse eu com o coração cheio de tristeza indefinível, paciência! Ainda lá não chegámos.

E nunca devíamos chegar!

CAPITULO V

A INSCRIÇÃO

Com uma só pancada do pau ferrado, Morhange arrancou um pedaço de rocha do flanco negro da montanha.

—Que é isto?— perguntou elle.

—É um basalto peridotoso—disse eu.

—Não oferece interesse, mal lhe deitou os olhos.

—Pelo contrário, é muito interessante. Mas neste momento estou a pensar noutra coisa.

—Que é?

—Olhe para aquele lado,—disse eu, indicando para o occidente um ponto escuro que se via no horizonte, para lá da planície clara.

Eram seis horas da manhã. Já tinha nascido o sol, mas não era possível descobri-lo no céu, espantosamente liso. E não corria a mais leve aragem.

De repente, um dos camelos gemeu. Apareceu um enorme antilope a correr desesperadamente, e fôra bater com a cabeça contra a muralha rochosa. E ficára estonteado a poucos passos de nós, a tremor com as pernas magras.

Bou-Djema veio ter connôco:

—Quando as pernas de *mokor* tremem, as columnas do firmamento também não estão longe de dar de si—murmurou elle. Morhange olhou para mim e tornou a olhar para o ponto negro do horizonte, cujo tamanho duplicára.

—É uma tempestade?

—É.

—E há motivo de cuidado?

—Não, respondi logo. Estava trocando algumas palavras com Bou-Djema, que tentava dominar os camelos, já nervosíssimos.

Morhange repetiu a pergunta. Dei aos ombros.

—Não sei; nunca vi tempestade nenhuma no Hoggar. Mas parece-me que esta vai ser famosa. Ora olhe.

Sobre a rocha plana, tinha-se erguido uma poeira leve. Alguns grãos de areia puse- ram-se a dançar na atmosfera imóvel, com velocidade que foi crescendo até se tornar vertiginosa, dando-nos pequena amostra do que daí a pouco ia cair sobre nós.

Um bando de patos brancos, vindos de oeste, passou muito baixo, soltando grandes gritos.

—Vão a fugir para a Sebkhha de Amand- ghor—disse Bou-Djema.

—Não há que duvidar—pensei.

Morhange olhava para mim com curiosi- dade.

—Que devemos fazer?—preguntou.

Saltar já nos dromedários e ir procurar abrigo nalgum ponto alto. Vêja a nossa situação: é cómodo seguir o leito dum *med* sêco, mas antes de um quarto de hora vai rebentar a tempestade. Antes de meia hora, vai precipitar-se por aqui abaixo uma tor- rente doída. Sobre este solo impermeável, as chuvas rolam como um balde de água que se despeja num pavimento asfaltado. Não se infiltra nada, tudo se acumula. Ora vêja.

E mostrei-lhe cerca de dez metros acima, na parede do grande corredor de rocha, longos riscos profundos e paralelos, antigos vesti- gios de erosão.

—Daqui a uma hora, as águas correrão àquella altura. Aqueles são os sinais da última inundação. A caminho—disse plácida- mente Morhange.

Muito nos custou fazer ajoelhar os drome- dários. Mal nos apanharam em cima, deita- ram a correr, com terror desordenado.

Bruscamente ergueu-se um vento formidá- vel e o dia escureceu quasi completamente. O céu, sobre as nossas cabeças, tinha-se tornado, num momento, mais tenebroso que as paredes negras do corredor por onde corria- mos até perder o fôlego.

—Uma escarpa, uma escada na rocha,— gritei aos companheiros—dentro de um mi- nuto, ou acabou-se!

Não ouviram, mas olhei e vi que se não atrozavam. Morhange vinha logo após mim; Bou-Djema atrás, impelindo adiante, com domínio admirável, os dois camelos das ba- gagens.

Um relâmpago cegou-nos, rasgando a es- curidão. Seguiu-se um trovão que ribombou pela muralha fora, e logo começaram a cair grandes gotas de água morna. Os albornozes que a velocidade estendia horizontal- mente para trás, colaram-se aos corpos enchar- cados, num abrir e fechar de olhos.

(Continúa).





Passatempo



A MÃE: — Porque não queres tu ir aqui abaixo à loja e comprar uns ganchos para mim?
 SUZANA: — Porque não quero que aquela gente fique sabendo que a minha mãe é antiga!

BONDADE

Freguês desesperado: — Quando o senhor me vendeu este cão, disse-me que ele era bom para os ratos. Qual história! Ele nem lhes toca.
 O negociante de cães: — E então, isso não é ser bom para os ratos?!

PORQUÊ, REALMENTE!

D. Aurélia: — Eu viajo sempre nas carruagens do centro do comboio, se posso. Não é porque eu seja muito assustada, não; mas dizem que os últimos vagões são os mais perigosos.
 D. Marcolina: — Para que os põem lá, então nesse caso, também?

CONTRA OS SEUS PRINCÍPIOS

O gatuno (na cadeia): — Estou vendo que tenho de me habituar a dormir à noite, mas até chega a ser um crime este desperdício de escuridão!

O LABIRINTO DO PERU (Solução)



A tia: — Não sei, realmente, ao que o mundo há de chegar. As raparigas de hoje em dia não recebem educação nenhuma, é o que vejo, e são absolutamente inúteis. Na minha mocidade toda a senhora exercia virtudes domésticas sob pena de não ser considerada uma senhora, mas vocês, as raparigas de agora, parece que imaginam que essas coisas lhe ficam abaixo. Não sabem fazer um simples arroz doce. Enquanto à costura, já alguma vez te servistes duma agulha?

A sobrinha, moderna: — Está bem de ver que sim, querida tia, muitas vezes até... no gramofone.

Um fumador avaro, no comboio, apresenta a sua cigarrreira aberta, ao vizinho da direita.
 — Obrigado, não fumo.
 Volta-se para o vizinho da esquerda.
 — Não fumo, obrigado.
 A mulher diz-lhe ao ouvido:
 — Não ofereces ao passageiro que vai àquele canto?
 — Ah! não; que esse fuma.

ILUSÃO OPTICA



Levante o leitor esta página, colocando-a quasi ao nível dos olhos, e fechando um deles, fite com o outro a figura. Parecer-lhe-há que os riscos se levantam do papel, como se fôsem alfinetes cravados nele.

— É medonho pensar nas loucuras que os homens fazem, com respeito a mulheres!
 — Então que loucura fez você?
 — Casei com uma.

OS ERROS DE DESENHO (Paciência)



Representam no quadro junto, três flores muito conhecidas:
 1.º — O miosótis.
 2.º — A dália branca e encarnada.
 3.º — A violeta.
 Na maneira de desenhar estas flores, com as hastes, folhas, etc., que as acompanham, cometeram-se uns poucos de erros, semelhantes aos que cometeria um pintor se representasse, por exemplo, um gato com penas.
 Quantos e quais são esses erros é o que desejávamos que nos dissessem.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM NOVEMBRO DE 1927

LITTERATURA

AZEVEDO PINTO (MARIA CÂNDIDA DE) — *Primaveras*. Com prefácio do Visconde de Vila-Moura. 54 p. — 5\$00.
 BARROS (JOÃO DE) — *Grécia, musa do ocidente*. Desenhos de Saavedra Machado. 231 p. 8.º — 10\$00.
 BLASCO IBAÑEZ (VICENTE) — *Flor de Maio*. Trad. de Joaquim dos Anjos e Mário Salgueiro. 2.ª ed. 206 p. 8.º e. capa il. por Castañé. — 10\$00.
 BLASCO IBAÑEZ (VICENTE) — *Mare Nostrum*. Romance. Trad. de Agostinho FORTES. 422 p. 8.º — 10\$00.
 BLASCO IBAÑEZ (VICENTE) — *No país da arte* (Três meses na Itália). Trad. de Ferreira Martins. 4.ª ed. 274 p. 8.º e. capa il. por Castañé. — 10\$00.
 BLASCO IBAÑEZ (VICENTE) — *Os mortos mandam*. Novela. Trad. de Napoleão Toscano. 2.ª ed. 324 p. 8.º — 10\$00.
 BLASCO IBAÑEZ (VICENTE) — *Oriente*. Versão de Ferreira Martins. 3.ª ed. 256 p. 8.º e. grav. e capa il. por Castañé. — 10\$00.
 BLASCO IBAÑEZ (VICENTE) — *Por entre laranjeiras*. Trad. de Morais Rosa. 2.ª ed. 289 p. 8.º e. capa il. por Castañé. — 10\$00.
 BOURGET (PAUL) — *O Dançarino Mundano*. Trad. de Domingos Guimarães. (Biblioteca das Famílias). 270 p. 8.º — 10\$00.
 CÂMARA (JAMME) — *Auto dos Villões*. Ensoado em seis albas & outros cantares per Gustavo Coelho. 2.ª ed. XXXII p. e mais 2 folhas de música. — 5\$00.
 CASTRO (BUGÊNIO DE) — *Interlúnio. Belkiss. Tiresias*. (Obras Poéticas). Vol. II. 218 p. 8.º — 12\$00.
 CASTRO GUIMARÃES (HORÁCIO DE) — *Por amor de Colombina*. Fantasia dramática em 1 prólogo e 1 acto. 24 p.
 DEMESSE (HENRI) — *A Filha do Assassinado*. Romance, seguido de *A obra-prima do crime*, de Jean Richepin. Trad. de Oldemiro César. Capa de Alfredo Morais. 178 p. 8.º — 4\$50.
 ENRIQUETA (MARIA) — *Consoinhos de cristal*. (Biblioteca dos Pequeninos — n.º 4). II. de Alfredo Morais. 65 p. e. — 5\$00.
 FERREIRA (ERNESTO) — *A alma do Povo Mi-caelense*. 232 p. 8.º.
 FREIRE (JOÃO PAULO) — [Mário]. — *O Fim do Mundo no ano 2000*.
 GALÉS (ALFREDO) — *A amante de Jesus*. 4.ª ed. 312 p. 8.º e. capa il. — 8\$00.
 GIL (AUGUSTO) — *Avena Rústica*. 125 p. 8.º — 7\$00.
 GUEDES DE OLIVEIRA — *Jornal dum espectador*. e. capa ilustrada.
 LOPES DE OLIVEIRA (MARIA CONSTANÇA) — *Dize tu, dize eu...* (Cantigas à gente moça). 137 p. 8.º — 7\$50.
 MOLIÈRE — *O Médico à força*. Comédia à antiga trasladada liberramente da prosa original a redondilhas portuguesas, por António Feliciano de Castilho. 3.ª ed. (Teatro de Molière). 257 p. 8.º.
 OLEASTRO (HUGO DE) — *Tormentos do Amor*. 344 p. 8.º.
 PALÁCIO VALDÉS — *A alegria do capitão Ribot*. Romance. Trad. de Campos Monteiro. 302 p. 8.º — 10\$00.
 QUEIROZ RIBEIRO — *Vida de Jesus*. 732 p. 8.º.
 RAMEAU (JEAN) — *O Romance da Felicidade*. Trad. de Florbela Espanca Lage. 297 p. 8.º — 10\$00.

REPORTER X — *O Taxi n.º 9297*. Romance de aventuras e de mistério. 155 p. 8.º.
 RIBEIRO (MANUEL) — *A Planície Heróica*. Romance. 334 p. 8.º e. capa ilustrada por B. Marques. — 10\$00.
 RICHMOND (OSCAR) — *A caminho do cadafalso*. Romance policial. — 5\$00.
 RICHMOND (OSCAR) — *O fim dum bandido*. Romance policial, e. capa il. por Fonseca. — 5\$00.
 SALGARI (EMÍLIO) — *O Continente Misterioso*. Aventuras na Austrália. Trad. de Beatriz Gonçalves de Freitas. 190 p. 8.º e. capa il. — 4\$00.
 SALGARI (EMÍLIO) — *O marinheiro bandido*. Romance de Aventuras. Versão de A. Vitor Machado. 114 p. 8.º e. capa il. — 4\$00.
 SÉRGIO (ANTÓNIO) — *Os Conselheiros do Califa* (Quem conta uma história? Série B). Ilustrada por D. Mammia Roque Gameiro.
 SILVA GAIO (MANUEL DA) — *O Santo*. Poema. II. de António Carneiro. 68 p. 4.º e. capa il. — 1\$50.
 SILVA TAVARES — *Gullarradas*. 88 p. 8.º — 10\$00.
 SOUSA COSTA (EMÍLIA DE) — *Carla a uma brasileira* (De Portugal, de Espanha, de França). 170 p. 8.º. Capa il. por Alfredo Morais. — 7\$500.
 SOUSA COSTA (EMÍLIA DE) — *Castelos no ar*. (Lendas e contos portugueses — Biblioteca dos Pequeninos, n.º 5). 80 p. com il. e capa il. por Alfredo Morais. — 5\$00.
 TENREIRO (RAMÓN MARIA) — *O Louco Amor*. Novela. Versão autorizada de Eunice Franco. Pref.º de Fidelino de Figueiredo. 90 p. — 3\$50.
 THIÉRY (JEAN) — *O Canto do Cuco*. Romance. Trad. de Florbela Espanca Lage. 278 p. 8.º — 10\$00.
 VAZ FERREIRA — *Vivez* (Os três Estados-III). 2 vol.ª — 20\$00.
 VERNE (JÚLIO) — *O Castelo dos Carpatos*. Trad. de Pinheiro Chagas. 3.ª ed. (Viagens maravilhosas. 190 p. 8.º).
 VERNE (JÚLIO) — *Fora dos eixos*. Trad. de Augusto Fuschini. (Grande edição popular das «Viagens Maravilhosas aos Mundos Conhecidos e Desconhecidos»). 189 p. 8.º.

PEREIRA DE ANDRADE (LENCASTRE) — *Explorações científicas na Índia durante os reinados de D. Manuel, D. João III e D. Sebastião*. Os primeiros naturalistas portugueses do sec.º XVI.
 RUELA POMBO (PADRE MANUEL) — *Paulo Dias de Novais e a fundação de Louanda*. 103 p. 8.º e. grav.
 SAN BRUNO (EMÍLIO DE) — *Zambeziana*. Scenes da vida colonial. 386 p. 8.º — 12\$50.
 TEIXEIRA DE SOUSA (BURICO) — *Verdades amargas da Grande Guerra ou Sapadores Mi-neiros em França*. 428 p. 8.º.

SCIÊNCIAS E ARTES

Arte do Jardineiro. Noções gerais de jardinagem. 2.ª ed. 248 p. 8.º e. capa il. por Alonso e grav. — 10\$00.
 BARBOSA (ANTÓNIO) — *História da ciência náutica portuguesa*. Instrumentos náuticos da época dos descobrimentos marítimos, sua importância histórica. 60 p. e. grav.
 FREITAS (ALBERTO DE) — *Rugby* (Biblioteca Desportiva, n.º 2). 99 p. 8.º — 3\$00.
 REIS COLARES (JOSÉ PEDRO DOS) — *Manual do marceneiro* (Biblioteca de Instrução Profissional, fundada por Tomás Bordalo Pinheiro). 375 p. e. grav. — 20\$00.
 RIBEIRO DOS REIS (ANTÓNIO) e RICARDO ORNELAS — *Anuário do foot-ball português*, para 1927-1928. 167 p. 8.º e. grav. e capa il. — 10\$00.
 SALAZAR LEITE (FAUSTO) — *Noções gerais de comércio*. 82 p. 8.º — 7\$500.
 SANTOS DELGADO — *Tratado prático e técnico sobre destilação e fabrico de licores*. 398 p. 8.º — 20\$00.

SCIÊNCIAS CIVIS

CHAVES (PEDRO) — *Guia prático do registo civil*. 198 p. — 20\$00.
 REPORTER Z — *O crime da Poça das Felicitarias*. Inocentes ou culpados? (Notas à margem de uma causa célebre). 2.ª ed. 28 p. — 2\$50.
 SOUSA RIBEIRO — *Tríplice republicano*. 155 p. 8.º — 10\$00.

RELIGIÕES

CASTRO (ABEL DE) — *A Valorização do esforço*. Breve estudo sobre pragmatismo religioso. Pref.º do prof. Alfredo da Silva. 139 p. 8.º.

BELAS-ARTES

PINTO (ALFREDO) — (*Sacavém*) — *S. Francisco de Assis* (Estudo de arte musical). II. de José Tagaror. 213 p. 8.º — 20\$00.

POLIGRAFIA

ALMANAQUE DE «O SÉCULO» para 1928. 224 p. 8.º e. grav. e capa il. por Eduardo Malta.
 ALMANAQUE DE SANTO ANTÓNIO, para 1928. 288 p. e. grav. — 3\$50.
 MOTORES (OS) — (Enciclopédia pela Imagem) 64 p. 8.º e. grav. — 3\$50.
 RAÇAS (AS) HUMANAS — (Enciclopédia pela Imagem). 64 p. e. grav. — 3\$50.

CAMONIANA

LIVRO COMEMORATIVO da fundação da cadeira de estudos camonianos, na Faculdade de Letras da Universidade de Letras. 145 p. 4.º e. os retr. de Zeferino de Oliveira e dr. Afrânio Peixoto. — 15\$00.

As livrarias ALLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Annual		Semestre	Annual
CONTINENTE E ILHAS	22\$00	43\$00	54\$30	ESPAÑA	47\$00	92\$00
Registados...	24\$40	47\$80	93\$60	Registados	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL...		49\$00	96\$00	BRASIL... ..	52\$00	102\$00
Registados...		53\$80	105\$60	Registados	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO... ..	63\$00	124\$00
Registados... ..		57\$80	113\$60	Registados	72\$60	143\$00

NUMERO AVULSO 4900

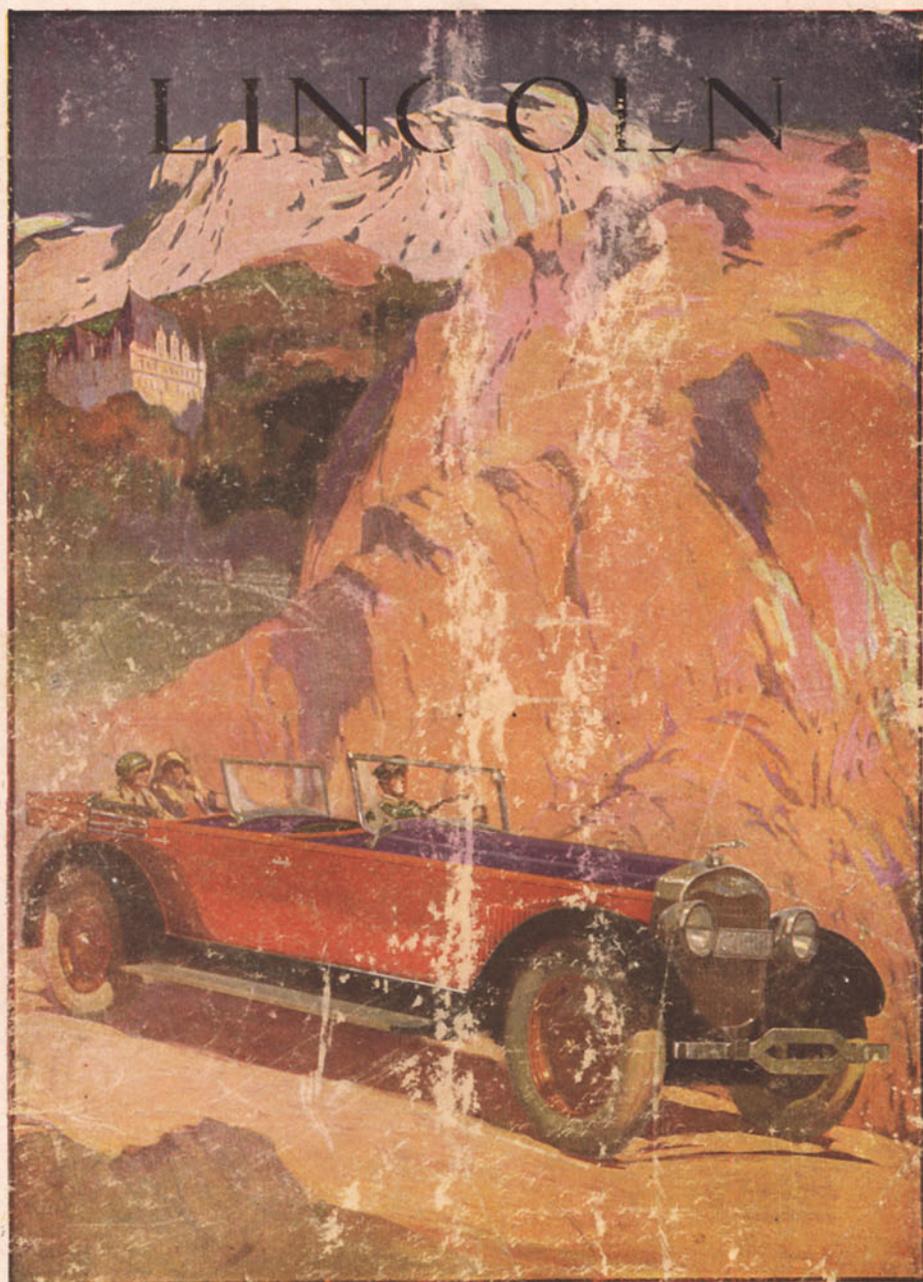
VOGUA



Emmerico

**SEMANARIO ILUSTRADO
DA MULHER PORTUGUEZA
EDICÃO DA CASA AILLAUD & BERTRAND**

CADA NÚMERO (AVULSO) Esc. 1\$50



O SOBERANO INDISCUTIVEL DOS CARROS DE LUXO

AGENCIAS NAS PRINCIPAIS CAPITAIS DE PORTUGAL E ESPANHA

LISBOA — Orey, Limitada, Rua 24 de Julho, 42 — MADRID — Av. Pi y Margall, 11 — BARCELONA — Diputación, 279
FORD MOTOR COMPANY, S. A. E. — BARCELONA